MANDRIÕES

DE TEATRO

em...

As Bruxas de Salém

39º FENATA

Texto do Espetáculo

MANDRIÕES
dE TEATRo

ATO 1

Cena 01 (de como o reverendo Parris apresenta a dança da floresta x bruxaria x congregação. De como Abigail apresenta seu conflito com Elizabeth)

(em cena está o Reverendo Parris e, sua filha imóvel sobre a cama. Entra sua sobrinha Abgail e Susana Walcott! – vida da casa do doutor Griggs)

PARRIS

Filha! Querida filha! Acorda, abre os olhos, sim? Betty, minha pequenina.

ABIGAIL

Tio? Acabo de voltar da casa do doutor Griggs.

PARRIS

Que disse o doutor?

ABIGAIL

O doutor pediu-me para lhe dizer, Reverendo, que não encontra nos livros remédio para essa doença. Tem estado a procurar nos alfarrábios, desde que saiu daqui, senhor. Por isso ele pediu-me para lhe dizer que o melhor é o senhor começar a procurar causas sobrenaturais para isto, que naturais não as encontra ele.

PARRIS

Não! Não há aqui causas sobrenaturais. Eu já mandei chamar o reverendo Hale de Beveley, que vai com certeza confirmar o que estou a dizer. O doutor que se ocupe da medicina e não pense em causas sobrenaturais.

Minha sobrinha, nem uma palavra sobre isto na aldeia. Não fale a ninguém de causas sobrenaturais.

ABIGAIL

Tio, todos estão a falar de feitiçaria, é melhor o senhor ir lá fora e negar toda essa história. Eu fico com ela.

NAVEGANTES _dE TEATRo_

PARRIS

E o que vou lhes dizer? Que te encontrei, minha sobrinha, e a minha própria filha a dançarem na floresta como duas endemoninhadas.

ABIGAIL

Nós dançamos sim, meu tio. Diz isso a eles. Vai dizer-lhes que eu confessei – e serei chicoteada se o merecer. Mas eles falam em feitiçaria. Betty não está embruxada. Nós apenas dançávamos meu tio, e quando o senhor apareceu de repente, ela ficou tão assustada que desmaiou. É tudo.

PARRIS

Abigail. eu não posso aparecer diante da congregação sabendo que ainda não foste franca comigo.O teu castigo virá a seu tempo. Mas se tu na floresta traficaste com os espíritos eu tenho que sabê-lo agora.

ABIGAIL

Nós não invocamos os espíritos, meu tio.

PARRIS

Então porque razão não pode ela mexer-se desde a meia noite? Abigail, diz-me o que fizeste, não compreende que eu tenho muitos inimigos e hão de descobri-lo. Há em Salem uma facção que jurou afastar-me do púlpito. Imagina se se vem a descobrir que a minha própria casa é o centro de práticas obscenas...

MANDRIOES
dE TEATRo

ABIGAIL

Eram apenas brincadeiras, meu tio!

PARRIS

Brincadeira? Eu vi nossa escrava a abanar os braços por cima da fogueira, parecia um animal ferido a gemer e a guinchar.

ABIGAIL

Eram canções da terra dela. Tituba costuma cantar para dançarmos

PARRIS

Tenho a impressão que também vi um vulto a correr por entre as árvores – nu!

ABIGAIL

Nenhuma de nós estava nua! O senhor não viu bem, meu tio!

PARRIS (*zangado)*

Vi muito bem. Seja qual for a abominação que tenhas cometido, conta-me tudo porque eu não tenho coragem de ser apanhado desprevenido quando aparecer diante deles lá em baixo. È o meu ministério e a vida da sua prima que está em causa. (ou jogo). Abigail, eu lutei durante três longos anos para conseguir curvar a espinha a esses orgulhosos, e agora, que começa a haver algum respeito por mim nessa paróquia, vens tu a comprometer a minha honra?

ABIGAIL

Não houve nada além do que lhe contei meu tio, juro-lhe.

PARRIS

Dei-te um lar e roupas para cobrir o corpo...agora responde-me com franqueza. O teu nome na cidade... não tem mancha, têm?

MANDRIOES
dE TEATRo

ABIGAIL

De certo que não tem. Nada tenho do que me envergonhar.

PARRIS

Quando foste despedida da casa de Elizabeth Proctor houve alguma razão para isso além daquela que me contaste? Ouvi dizer por aí, que ela tem vindo poucas vezes à igreja porque não quer sentar-se ao pé duma criatura maculada. O que é que isto quer dizer?

ABIGAIL

Quer dizer que ela me odeia porque eu não consenti em ser sua escrava. Ela é má, mentirosa, fria e alcoviteira. Nunca me abaixaria a trabalhar para uma mulher assim.

PARRIS

Mas saíste da casa dos Proctor já há sete meses e, estranho o fato de nenhuma família ter te chamado para o seu serviço.

ABIGAIL

O que elas querem é escravas! Pois que as vão buscar em Barbados, como o senhor fez. Não vou pintar minha cara de preto, como da Tituba, para o belprazer dessas senhoras. Julga que já não sou pura, meu tio? O meu nome está limpo! Não consinto que o manchem. Essa Elizabeth Proctor não passa de uma refinada alcoviteira!

Cena2. (De como o casal Putnam expressa o pensamento da comunidade)

(entam o Senhor e a senhora Putnam – interompendo)

MANDRIÕES
dE TEATRo

SRA. PUTNAM

É um prodigio. É uma partida do inferno. A que altura voou ela, a que altura *(olhando Betty, ainda deitada)*

PARRIS

Que idéia Senhora Putnam, ela não voou

SRA. PUTNAM

Pois não, não voou. O senhor Collinas bem a viu passar por cima do celeiro e a desce depois, levezinha como um pássaro, diz ele.

PARRIS

Por amor de Deus, Senhora Putnam, pois se lhe estou a dizer que ela não...

SR. PUTNAM (*examinando o rosto de Betty - interrompendo)*

Olha, os olhos dela estão fechados! os da nossa estão abertos.

PARRIS

Mas sua filha também está doente?

SRA. PUTNAM

Eu não chamo aquilo doença. A marca do demônio é muito pior do que qualquer doença. É a morte que caminha dentro delas, implacável. Esta manhã, não acordou, mas tem os olhos abertos e anda pela casa, sem ver, sem ouvir e sem comer. Roubaram a alminha da minha filha, tenho a certeza.

MEMÓRIAS _dE TEATRo_

PARRIS

Não diga uma coisa dessas por amor de Deus!

SR. PUTNAM

Dizem por ai que o senhor mandou chamar o reverendo Hale de Beverly. É verdade?

PARRIS

Mera precaução. O reverendo é grande perito em artes demoníacas e eu ...

SRA. PUTNAM

Se é: o ano passado desmascarou uma feiticeira em Beverley

PARRIS

Pensou-se que se tratava duma feiticeira. Eu, pessoalmente estou convencido que neste caso não há o mais pequeno indício de feitiçaria. Não levantemos essa lebre. Expulsar-me iam de Salém como a um cão danado se a minha própria casa fosse teatro de tamanha corrupção.

SR. PUTNAM

Reverendo Parris, o senhor bem sabe que tenho estado sempre a seu lado; mas nisto não posso acompanhá-lo. Espíritos vingadores e assassinos apoderaram-se destas crianças.

SRA. PUTNAM

Reverendo, pus no mundo sete filhas que não cheguei a batizar. Eu vi as definhar nos meus braços no próprio dia em que nasceram. E agora, este ano, a minha Rute, a única que me ficou, começa a ficar cada dia mais estranha e a mirrar, como se uma boca do inferno a estivesse a sugar por dento. Foi por isso que eu pensei em mandá-la à sua escrava...

PARRIS

À tituba! Mas o que pode fazer Tituba?

MANDRIOES
dE TEATRo

SRA. PUTNAM

Ela sabe falar com os mortos, Reverendo Parris.

PARRIS

Senhora Putnam, invocar os mortos é pecado

SRA. PUTNAM

Posso perder a minha alma, mas quem a não ser os mortos me poderá dizer quem assassinou minhas sete filhas? A noite passada a minha Rute nunca esteve tão perto das alminhas das irmãs. Tenho a certeza. Como explica que ela não possa falar a não ser que algum poder das trevas lhe tape a boca?

SR. PUTNAM

O senhor não compreende, Reverendo! Existe entre nós uma bruxa, uma assassina, apostada em continuar na sombra. Deixe seus inimigos fazer o que entenderem, o senhor já não pode vacilar.

PARRIS (*para Abigail*)

Com que então na noite passada vocês estavam a invocar os espíritos?

ABIGAIL

Eu não, meu tio. Foi a Tituba e a filha deles (Rute)

SR. PUTNAM

Reverendo Parris: Não espere que ninguém o acuse, seja o primeiro a acusar. Foi o senhor que descobriu a feitiçaria...

PARRIS

Em minha casa? eles vão arrazar-me ... Vão-se agora embora. Gostaria de rezar a sós.

MADRIGUES
dE TEATRo

ABIGAIL

Meu tio, desde a meia noite que anda a rezar. Por que não desce lá embaixo e ...

PARRIS

Não... não seio que hei de dizer a essa gente. Vou esperar pelo Reverendo Hale

SR. PUTNAM

Sua sobrinha tem razão! Faça frente ao demônio e a vila inteira o abençoará! Desça, fale-lhes, reze com eles! eles estão sedentos das suas palavras, reverendo!

PARRIS (*convencido*)

Sim, vou cantar um salmo com eles, mas, peço-lhe, nenhuma palavra acerca de feitiçaria. Não quero discutir essa história... (*soem)*

Cena 3. (De como por medo, as jovens desencadeiam um conflito)

(*Entram duas jovens: Mercy Lewis, a criada dos Putnam e Mary Warren)*

MARY WARREN

Abigail: O que nós vamos fazer? Toda vila está fora de si! Toda gente fala de feitiçaria! Vão chamar-nos feiticeiras.

MERCY LEWIS

Eu só vim ver como está a Betty. Lá em casa, a Rute está embruxada também... desde ontem à noite que parece uma morta em pé.

MEMÓRIOES
dE TEATRo

ABIGAIL

Calma! Se perguntarem a vocês sobre ontem a noite, basta dizer que só estivemos a dançar. Tio Parris está convencido de que foi Tituba quem ordenou que as irmãs de Rute saíssem da sepultura . E também ele a viu nua (*para Mercy)*

MARY WARREN

Nós temos que contar. A feitiçaria é crime de forca. Temos que dizer-lhes a verdade. Só dançamos e, pelo resto nos dão algumas chicotadas e pronto! Eu não fiz nada, só estava a ver!

ABIGAIL (*PARA Betty ainda deitada)*

Betty? Vamos acabar com isto! Betty! Levanta-te

MERCY

Bata nela. eu dei uma boa lambada na Rute e ela acordou por instantes.

ABIGAIL (*senta Betty à força na cama e sacode-a com fúria)*

Eu te bato Betty (*Betty, com medo de Abigail, foge da cama e atira-se contra a parede)*

BETTY

Quero a minha mãe. Vou voar para o pé da minha mãe!

ABIGAIL

A tua mãe já morreu há muito tempo. Já contei tudo o que se passou a seu pai...

BETTY

Mas não lhe contou que bebeu sangue. Bebeste sangue para matar a mulher de John Proctor.

NAMORoES
dE TEATRo

ABIGAIL

Cala essa boca. Não digas isso outra vez. Nunca, ouviu? (*Betty, caindo sobre a cama, fica chamando por sua mãe)*

Ouçam-me:

Estivemos a dançar na floresta e, Tituba invocou os espíritos das irmãs de Rute. Muito bem. Mas isso é tudo, ouviram?

Se alguma de vocês deixa escapar uma palavra, uma sílaba sequer sobre o resto do que se passou, ai dela!

Hei de procurá-la no mais fundo da noite mais escura... Tenham muito cuidado: posso fazer com que se arrependam de ter nascido! (*novamente senta Betty com brusquidão, sobre a cama)* Acorda! já é hora de acabar com essa história

MARY WARREN

Meu Deus Abigail, ela vai morrer! É pecado invocar os espíritos e nós...

ABIGAIL

Cala essa boca, eu disse que te calasses, Mary Warren!

Cena 4 (De como Jonh Proctor *usou* e descartou Abigail. Isso trará conseqüências)

(entra Jonh Proctor)

JOHN PROCTOR

Que confusão é essa? (*para Mary Warren)* Tu estás doida, Mary Warren? Ou serás surda? Não te proibi de sair de casa? O que faz aqui? Para que julgas que eu te pago? Ando mais a procura de ti do que das minhas vacas!

MANDRIOES
dE TEATRo

MARY WARREN

Vim só ver os acontecimentos.

JOHN PROCTOR

Eu dou-te os acontecimentos no lombo um dia destes. Já para casa. A minha mulher está a sua espera e as tarefas de casa também.

MERCY

Também me vou (*saem)*

ABIGAIL

Santo Deus! já quase tinha me esquecido de como és forte John Proctor...

JOHN PROCTOR

Que artimanha vem a ser esta agora? Na estrada há uma verdadeira peregrinarão para Salém. Fala-se em feitiçaria.

ABIGAIL

Só histórias! Nós estivemos a dançar na floresta a noite passada e o meu tio surpreendeu-nos. Betty assustou-se e está ai desmaiada. É tudo.

JOHN PROCTOR

A mesma perversazinha de sempre, hein? Antes de fazer vinte anos, ainda há de ser amarrada ao pelourinho.

ABIGAIL *(insinuando-se)*

só uma palavra Jonh. só uma palavra de ternura! Ou quer me convencer que andou cinco milhas só para ver uma moça tonta voar? Eu te conheço.

MANDRIÕES
TEATRO

JOHN PROCTOR

Não Abigail! Já acabou. Vim apenas ver a nova impostura que seu tio anda a tramar.

ABIGAIL *(segurando-lhe as mãos)*

John, tenho te esperado todas as noites

JOHN PROCTOR

Tira isso da cabeça. Eu nunca mais te procurarei

ABIGAIL

Acaso esqueceu que cravaste as unhas nas minhas costas, atrás da tua casa e como suava como um garanhão sempre que me aproximava e ti! Foi a tua mulher quem me expulsou da tua casa, quando no fundo queria que fosse tu. Mas não teve coragem! Foi mais fácil me expulsar, mas eu vi a tua cara quando correu comigo. Amava-me como me ama agora.

JOHN PROCTOR

Disparate...

ABIGAIL

Tenho-te visto desde o dia em que ela me escorraçou.

JOHN PROCTOR

Mentira. já a sete meses que mal saio de casa

ABIGAIL

Tenho sensibilidade para o calor e, o teu calor me tem entrado pela janela e eu tenho-te visto, de olhos erguidos, a olhar pra mim... teus olhos tão belos... ardendo em solidão. Não minta. Não negue: teus olhado para a minha janela.

MANDRIOES
dE TEATRo

JOHN PROCTOR

Nunca

ABIGAIL

Mas tens que olhar, John. Eu não durmo para sonhar contigo... ando a vaguear pela casa de cá pra lá, sempre a espera de ti, sempre a espera de que entre pela porta.... (*abraçando-o)*

JOHN PROCTOR

Criança...

ABIIGAIL (*com fúria)*

Criança?

JOHN PROCTOR

Abigail: eu posso sim pensar em você de vez em quando. Mas arranquem-me os olhos se alguma vez te vier procurar. Nós nunca nos tocamos verdadeiramente.

ABIGAIL

Tocamos, tocamos

JOHN PROCTOR

Não

ABIGAIL *(RAIVA)*

Espantoso é ver um homem tão forte, deixar que sua mulher

MANDRIÕES
dE TEATRo

JOHN PROCTOR

Te proíbo que diga uma só palavra acerca de Elizabeth

ABIGAIL

Ela mancha meu nome, espalha calúnias a meu respeito, não passa de uma mulher fria e você se abaixa diante dela...

JOHN PROCTOR

Cale-se. Quer o chicote?

ABIGAIL

Não!

Quero o John Proctor que me acordou pra vida. Eu não conhecia a falsidade de Salém e as mentiras que ensinavam as beatas e seus maridos por escritura. E agora pede para arrancar a luz de meus olhos?Não arranco!

Já me amou Jonh Proctor e, embora seja pecado, ainda me ama. Tem piedade de mim

(nesse momento, ouvem-se as palavras do salmo: Caminhemos para Jesus- Betty tapa os ouvidos e começa a gemer alto – correm para ela)

JOHN PROCTOR

O que está fazendo? Pare com isso!

Cena 5 (De como a igreja e a comunidade convivem - conflitos)

MAMBRICES
dE TEATRo

(entram Parris, os Putnam e Marcy Lewis. Também Giles Corey e a senhora Rebecca Nurse.)

PARRIS

O que estão fazendo com ela?

ABIGAIL

Ela ouviu os cantos e se levantou

Sra. PUTNAM

Ela não suporta ouvir os salmos. ela não suporta o nome do Senhor. Esse é um claro sinal de bruxaria

Sr. GILES

Ela vai voar novamente? Me disseram que ela voa.

Sra. REBECCA

Há pessoas doentes aqui, portanto, fique calmo (*Silêncio. A senhora Rebecca vai até a cama de Betty. Esta vai se acalmando , aquieta-se)*

Sra. PUTNAM

O que é que a senhora lhe fez? Importa-se de ir a minha casa ver se consegue despertar a minha Rute?

Sra. REBECCA (*calmamente)*

Ela acordará a seu tempo. Tenham calma, por amor e Deus! Eu tive onze filhos e fui avó por vinte e seis vezes, observei as crianças em todas as idades e sei que quando lhes dá para isso, nem o diabo consegue convence-las a abandonar o seu **fingimento.** Ela acordará quando se cansar de dormir. O espírito de uma criança é tal e qual uma criança: nunca o apanham se correrem atrás dele. É preciso deixarmo-nos ficar quietos e, com **amor e paciência** ele voltará por sua livre vontade.

MANDRIOES
dE TEATRo

PROCTOR

O que a senhora diz é a pura verdade, Rebeca?

Sra. REBECCA (*calmamente)*

Talvez ela ainda não tenha fome. Só espero que o senhor, Reverendo Parris, tenha o bom senso de não se por à procura de almas penadas.

PARRIS

Muita gente na paróquia está convencida de que o demônio se encontra entre nós. Tenho que convence-los de que estão enganados.

PROCTOR

Então porque o senhor não vai lá fora e lhes diz isso? Não! Em vez disso, o senhor chamou um sacerdote caçador de diabos.

PARRIS

O reverendo Hale não vem cá caçar diabos, Proctor!

PROCTOR

Que vem então ele fazer aqui?

Sr. PUTNAM

Há crianças a morrer nessa cidade.

PROCTOR

Não me consta que tenha morrido alguma. Reverendo Parris, o senhor convocou alguma assembléia antes de resolver trazer esse tal...

Sr. PUTNAM

Estou farto de assembléias. Não pode o homem dar um passo sem convocar assembléias?

MANDRIOES
dE TEATRo

PROCTOR

Não, quando o passo é para o inferno!

Sra. REBECA

Calma John. Sr. Parris, sou de opinião que o melhor que tem a fazer é mandar embora o Reverendo Hale assim que ele chegar. A sua presença é capaz de reacender as querelas na nossa comunidade. Penso que é preferível confiar no nosso médico e nas nossas orações.

Sra. PUTNAM

Mas nosso médico nada sabe destas doenças.

Sra. REBECA

Se não sabe, mais não nos resta que perguntar a Deus a causa delas. Há um perigo enorme em procurar almas penadas. Por que não havemos de nos culpar a nós próprios...

Sr. PUTNAM

E porque razão, não me dirá? Nós éramos nove irmãos. Nossa semente povoou esta província. Agora, só me resta uma das oito filhas que gerei – e que agora definha a olhos vistos!

Sra. REBECA

Não vejo qual seja a razão disso

Sra. PUTNAM

Mas eu vejo! Julga por acaso que é obra do Senhor a senhora nunca ter perdido um filho nem um neto e eu ter enterrado todas as minhas filhas menos uma? Nesta terra, há rodas dentro de rodas e fogueiras dentro de fogueiras!

CAMBRIOLES _dE TEATRo_

Sr. PUTNAM *(para Parris)*

Quando chegar o reverendo Hale, trate o quanto antes de procurar os sinais de feitiçaria.

PROCTOR

O que é isso? O senhor não pode dar ordens ao Reverendo Parris. Em nossa comunidade, nós votamos por pessoa, **não pelo numero de acres.**

Sr. PUTNAM

Não sabia que o senhor se importava tanto com nossa comunidade. Não o tenho visto assistir nosso culto de sábado!

PROCTOR

Tenho mais que fazer do que caminhar cinco milhar só para ouvir falar das chamas do inferno. Há muita gente como eu que tem se afastado da igreja porque o senhor Parris há muito que mal menciona o nome de Deus.

PARRIS

Proctor, é uma acusação bem grave essa que me faz.

Sra. REBECA

Mas, infelizmente justa. Há muitas pessoas que tem medo de trazer os filhos...

PARRIS

Não faço sermões para crianças e não são elas que andam esquecidas de suas obrigações para com o seu pastor... metade pelo menos da vila de Salém. E a lenha que devem, onde ela está? Desde novembro que ando com as mãos cheias de frieiras, como o mais miserável mendigo de Londres.

MANDRIÕES _dE TEATRo_

GILES

O senhor recebe seis libras por ano para comprar sua lenha

PROCTOR

Mais sessenta libras de salário.

PARRIS

O meu salário é de sessenta e seis libras. Sou um pregador licenciado pela Universidade de Harvard. Não estou habituado a essa miséria. Abandonei um negócio florescente em Barbados para vir servir o Senhor. Não consigo perceber a razão porque me perseguem nesta terra. Tenho pensado muitas vezes se o demônio não estará escondido entre vós. Um pastor não tem direito a ter uma casa para viver?

PROCTOR

Para viver, sim. Mas o senhor foi o primeiro pastor a exigir a propriedade dela é como, sei lá, querer possuir a própria igreja. No ultimo sermão que lhe ouvi, o senhor falou tanto em doações e hipotecas que eu tive impressão de estar a assistir um leilão.

PARRIS

Um ministro é o homem de Deus na paróquia. Em sete anos eu sou o vosso terceiro pastor. Não quero ser escorraçado... Um ministro não pode ser contrariado e desrespeitado. Ou há obediência ou a igreja arde como o inferno arde em chamas

PROCTOR

O senhor não pode nos falar um minuto sem nos mandar a todos para o inferno?

PARRIS

Não é a si que compete decidir o que lhe convém ouvir

MANDRIÕES
dE TEATRo

PROCTOR

Mas o que sinto, julgo eu!

PARRIS

Nós aqui não somos Quakers, senhor Proctor. E é bom que repita isso a seus seguidores. Sei que um partido nessa igreja. O senhor julga que sou cego? Há uma facção e há um partido.

PROCTOR

Contra o senhor?

Sr. PUTNAM

Contra ele e contra toda a autoridade!

PROCTOR

Tenho então que o procurar e me filiar nele. Desta "autoridade"nem o cheiro suporto

Sr. PUTNAM

Ele confessou, ele confessou!

PROCTOR

O que dizes a isto, meu bom Giles? Temos que encontrar o tal partido. Ele diz que há um partido.

GILES

Reverendo Parris, peço-lhe desculpas, mas nunca supus que tivesse tanto fel no coração. Não admira que o ódio e os conflitos se tenham instalados entre nós nestes últimos anos. Não é por acaso que este ano já respondi em tribunal seis vezes.

PROCTOR

É culpa do diabo que um homem te não possa dar os bons dias sem o processares por difamação? Vamos embora, Giles e ajuda-me a carregar a minha lenha até a casa.

MANDRIÕES
dE TEATRo

Sr. PUTNAM

Sua lenha? A lenha da floresta que fica ao pé do rio está dentro dos meus limites senhor Proctor. Resulta muito claramente do testamento de meu avô...

PROCTOR

Sr Putnam, o seu avô tinha o hábito de deixar em testamento terras que nunca lhe pertenceram. Eu as comprei há cinco meses do marido da Senhora Rebeca Nurse...

GILES

O seu avô também se dispôs de uma pastagem minha como se fosse dele... *(vão saindo)*

Cena 6 (De como a ciência tenta explicar a religião através de *sábios julgamentos*)

(entra o Reverendo Hale carregado de pesados livros.)

HALE

Por amor de Deus, ajudem-me!

PARRIS

Reverendo Hale, que prazer tornar a vê-lo *(agarrando alguns livros)* Santo Deus, como são pesados! O reverendo vem bem preparado!

HALE

Eles têm o peso da autoridade... a senhora é Rebeca Nurse, não é verdade? Lá em Beverley fala-se muito da sua caridade, a senhora tem o ar que sempre tem as boas almas.

MAMBRIOES dE TEATRo

PARRIS

Quero lhe apresentar o senhor Tomás Putnam e sua admirável esposa, a senhora Ana Putnam.

HALE

Eu não esperava vir encontrar tão distinta companhia, meu caro senhor.

Sr. PUTNAM

Nós muito gostaríamos que fosse a nossa casa a ver se salva a nossa filha.

HALE

Ela está doente também?

Sra. PUTNAM

Da alma, pelo menos. Desde ontem que não faz nada senão dormir, até anda, mas não come...

HALE (*para John Proctor e Giles)*

Os meus amigos também têm os filhos enfeitiçados?

GILES

Eu não acredito em bruxas.

PROCTOR

Acredite ou não, não gosto de falar nessas coisas. Tenho ouvido falar de si como um homem sensato, reverendo Hale. Espero sinceramente que o senhor deixe um bocado do seu bom-senso em Salém. (*sai)*

PARRIS

Este senhor é o agricultor John Proctor... O senhor quer ter a bondade de examinar minha filha (*seguem até a cama de Betty).* Hoje de manhã fomos dar com ela na estrada a abanar os braços, como se quisesse voar. Ela não suporta ouvir o nome do Senhor (Deus).

MANDRIOES _dE TEATRo_

É ou não um sinal evidente de feitiçaria, reverendo Hale?

HALE

Não, meu amigo, não. Não podemos abandonar-mos à superstição neste caso. O demônio é rigoroso: as marcas de sua presença são nítidas e devo dizer-lhes desde já que não desejo prosseguir sem que meus amigos estejam preparados para tudo, inclusive para me acreditarem se por acaso eu não encontrar a dedada do inferno nesta infeliz criança.

PARRIS

Confiamos plenamente no seu sábio julgamento

HALE

(junto à cama de Betty) Qual foi o primeiro sintoma que o senhor percebeu desta estranha doença?

PARRIS

Bem, reverendo... foi... quando fui encontra-la mais a minha sobrinha *(indicando Abigail)* e mais outras dez ou doze meninas, na noite passada a dançar na floresta.

HALE

Mas o senhor consente uma coisa dessas?

PARRIS

De maneira alguma... Elas dançavam as escondidas.

Sra. PUTNAM

Tituba, a escrava do reverendo Parris era quem comandava a dança. Ela tem artes de invocar os espíritos. Eu própria lhe mandei a minha filha. Queria que ela soubesse de Tituba o nome de quem matou suas sete irmãzinhas.

MAMBRIOES
dE TEATRo

REBECA

A senhora mandou a sua própria filha invocar os mortos?

Sra. PUTNAM

Que Deus me censure, se fiz mal, mas não a senhora, Rebeca Nurse!

O reverendo acha natural uma pessoa perder sete filhos no primeiro dia de vida?

HALE *(impressionado)*

Sete mortos à nascença *(pega um livro, vira páginas sobre páginas, mergulha na leitura. Todos esperam)*

PARRIS

Mas que livro é esse?

HALE

Neste livro, temos todo o mundo invisível desvendado, definido e calculado. Aqui o demônio aparece-nos despojado de todos os disfarces. Nestas páginas estão descritos todos espíritos familiares, todas as feiticeiras que andam sobre a terra, que cruzam os ares, que sulcam as águas, todos os mágicos noturnos. Portanto, nada receiem. Se está realmente entre nós, havemos de dar com ele e eu juro que hei de esmaga-lo assim que ele mostrar sua face.

REBECA

Mas tudo isso não magoará esta pobre criança?

HALE

Não posso dizê-lo. Se ela realmente está na garra do demônio seremos talvez obrigados a bater e a dilacerar um tanto para ver se a libertamos.

dE TEATRo

REBECA

Então o melhor é ir-me embora porque já estou muito velha para assistir a esses horrores. *(levanta-se)*

PARRIS

Rebeca, Rebeca, então não vê que estamos agora em vias de cauterizar o furúnculo de todas as nossas discórdias!

REBECA

Sinceramente o desejo. Que deus fique convosco, senhor.

PARRIS

Espero que não estejas a insinuar que é Satanás que aqui fica conosco!

REBECA

Isso gostaria eu de saber. *(Sai. Eles ficam irritados com sua superioridade)*

GILES

Senhor hale, sempre desejei perguntar isto a uma pessoa com instrução: ler livros esquisitos que significa. Marta, a minha mulher. Muitas vezes acordo de noite e vou dar com ela a um canto a ler o seu livro.

HALE

Mas que livros?

GILES

Sei lá que livros. Ela esconde-os. O que isso quer dizer?

A noite passada, por mais que tentasse, não conseguia fazer minhas orações. Vai ela fecha o livro e sai de repente! desatei a rezar de outra vez!

XAMBRIOES
dE TEATRo

HALE

Obstrução das orações! Havemos de falar a respeito disso mais tarde, está bem?

(*para todos)* Agora, ouçam-me. Se o demônio está nesta criança vão ser testemunhas. Sr. Putnam, fique aqui em pé ao lado da cama para o caso de ela querer voar.

Betty, levanta-te! (*senta-a na cama, mas ela pende-lhe, flácida)* Está a meu ouvir? Eu sou John Hale, o pastor de Beverley. Vim aqui para te ajudar.

PARRIS

Por que razão o demônio havia de escolher a minha casa para atacar. Em Salém há toda a casta de gente licenciosa e má!

HALE

Que vitória seria para o demônio conquistar uma alma já corrompida? É a nata que o demônio quer. Que coisa há melhor que um ministro de Deus?

Alguém te fez mal, minha filha? *(para Betty)* Um pássaro invisível, ou talvez que sabe? Um porco, um rato? Diz-me. Há algum espírito que te peça para voar? *(continua como morta)*

In nomine Domini Sabaoth sui filiique ite ad infernos.

Abigail, que espécie de dança dançavam vocês com esta criança na floresta?

ABIGAIL

Que dança havia de ser? Uma dança vulgar.

PARRIS

Eu vi uma caldeira sobre a relva em que elas dançavam

ABIGAIL

Era a caldeira da sopa.

MANDRIOES _dE TEATRo_

HALE

E que espécie de sopa havia dentro dessa caldeira, Abigail?

ABIGAIL

Sopa de feijão julgo, eu ... com lentilhas...

HALE

Reverendo Parris, o senhor não reparou por acaso na existência de nenhum ser vivo nessa caldeira? Um rato, talvez, ou uma aranha, sei lá, uma rã...?

PARRIS

Pensando bem, julgo ter visto uma espécie de movimento... nessa sopa...

ABIGAIL

Não fomos nós que a pusemos lá! Ela saltou lá para dentro.

HALE

O que saltou?

ABIGAIL

Uma rã...

HALE (*agarrando Abigail)*

Abigail, a tua prima talvez esteja a morrer. Vocês invocaram o Demônio na noite passada?

MANDRIÕES
dE TEATRo

ABIGAIL

Eu não invoquei, Tituba, foi Tituba...

PARRIS

Tituba invocou o Demônio? Alguém vá buscá-la imediatamente. (*sai a Senhora Putnam)*

ABGAIL

Ela falava a língua dela

HALE

Não sentiu nada de estranho no momento em que ela o invocou? Um vento gelado? Um estremecimento vindo da terra?

ABIGAIL

Eu não vi o demônio, já disse (*sacudindo Betty*), acorda Betty!

HALE

A tua prima bebeu ou não bebeu a mistura que estava na caldeira? E tu? Bebestes?

ABIGAIL

Não! Não bebemos. Tituba tentou-nos obrigar, mas eu recusei.

HALE

Por que me oculta a verdade? Terás porventura vendido sua alma a Lúcifer?

ABIGAIL

Eu nunca me vendi! Sou uma mulher decente! (*entra Tituba, Abigail aponta para ela)* Foi ela que me obrigou! Foi ela que obrigou Betty!

MANDRIOES
dE TEATRo

TITUBA (*chocada)*

Abby! O que é isso ?

ABIGAIL

Sim senhor! Foi ela que me obrigou a beber sangue!

PARRIS

Sangue!

SRA. PUTNAM

Sangue da minha menina?

TITUBA

Não, minha senhora! Sangue das galinhas.

HALE

Aliciastes estas crianças para as hostes do demônio?

TITUBA

Não senhor, não, não: eu não faço negócios com o demônio.

HALE

Então porque é que esta criança não acorda? Dás ordem ao teu espírito para não largar esta criança?

ABIGAIL

Ela deu ordem ao espírito dela para vir ter comigo à igreja no sábado passado!

PARRIS

Ela riu muitas vezes durante o culto!

MAMBRIOES
dE TEATRo

ABIGAIL

Todas as noites vem para o pé de mim e obriga-me a beber sangue!

TITUBA

A menina *(para Abigail)* é que pediu para eu fazer invocação... ela obrigou a tituba a fazer encantamentos...

ABIGAIL

Mentirosa. É ela que vem a mim quando estou a dormir. Tenho sonhos vergonhosos!

TITUBA

Por que diz essas coisas, menina, por quê?

ABIGAIL

Eu ouço sempre as gargalhadas dela enquanto durmo. Ouço aquelas canções de preto que ela canta... acordo de pé no limiar da porta...

TITUBA

Patrão reverendo, juro, Tituba nunca...

HALE

Quero que acorde essa criança

TITUBA

Tituba não tem poder sobre essa menina, senhor

MANDRIOES
dE TEATRo

HALE

Eu te ordeno! Desde quando tem pacto com o diabo?

TITUBA

Tituba não tem pacto com o diabo

PARRIS

Ou confessa tudo, negra maldita ou te chicoteio até a morte.

SRA. PUTNAM

Esta negra tem que ser enforcada!

TITUBA

Não enforquem tituba *(aterrorizada – de joelhos)* Eu não queria trabalhar para ele...

HALE

Então viste o demônio? É muito difícil uma pessoa libertar-se das garras do inferno. Mas nós queremos te ajudar. Olha para os meus olhos. Queres ser uma boa cristã?

TITUBA

Quero sim senhor

HALE

Gosta muito dessas crianças! E e Deus, gostas Tituba?

TITUBA

Tituba não quer fazer mal às crianças e gosta de Deus com toda a alma..

HALE

Pelo Santo nome de Deus... *(ela solução)* e pela sua glória *(ela repete)* Abre-te tituba e deixa a luz de Deus resplandecer em ti. Responda:

Quando o diabo vinha a ter contigo veio alguma vez com outra pessoa?

MANDRIOES dE TEATRo_

PARRIS

Quem vinha com ele? Homem ou mulher?

TITUBA

Era... era mulher.

PARRIS

Mas quem?

TITUBA

Muito escuro... muito escuro

PARRIS

Via o diabo mas não via a mulher?

TITUBA

Corriam em roda sem parar e sempre a falar...

PARRIS

Mas eram de Salém? Eram bruxas de Salém?

TITUBA

Eram... eram sim, meu patrão.

HALE (*calmo*)

Tituba. Não tenha medo de nos dizer quem são elas. Nós te protegemos. O demônio não pode vencer um ministro de Deus. Você confessou o ato de bruxaria, isso significa que quer retornar para o lado do céu (*ela beija-lhe as mãos*) . Nós a abençoaremos Tituba.

Tu és um instrumento de Deus colocado em nossas mãos para descobrirmos o agente do demônio escondido entre nós. Tu foste a escolhida. Vira tuas costas ao demônio e encara a face de Deus, Ele a protegerá

TITUBA

Deus protege Tituba!

HALE

Quem veio até você com o demônio? Dois?, três? Quatro?

MANDRIÕES DE TEATRO

TITUBA

Quatro, eram quatro!

PARRIS

Os nomes, quem eram?

TITUBA

Ele disse precisa matar seu Parris! Seu Parris não é bom, homem mau, homem bruto. Era para eu levantar da cama e cortar sua garganta. Mas eu disse: "não odeia ele. Eu não quero matar ele". Ele disse que fazia Tituba livre, daria vestido bonito e iria voar de volta até Barbados... E eu diz: mentira demônio... então ele vem em uma noite de tempestade e diz: "olha! Eu tenho gente branca que é minha "Ai eu olhei e vi Dona Good e a Senhora Osburn

MANDRIOES
dE TEATRo

Sra. PUTNAM

Eu sabia, a senhora Osburn foi minha parteira por três vezes. As minhas meninas murcharam nas mãos dela.

HALE

Coragem tituba. Tem que me dizer todos os nomes. (*Abigail desata a gritar) ...*

ABIGAIL

Eu também quero me abrir... eu quero a luz de Deus. Eu dancei para o demônio, eu vi o demônio, mas quero voltar para Jesus (*todos perplexos)* Eu também vi Sara Good com o Satanás, eu vi a senhora Osburn, eu vi Bridget Bishop com satanás.

(durante essa fala, Betty levanta-se da cama)

BETTY

Eu vi George Jacobs com satanás, eu vi a senhora Howe com satanás

PARRIS

Ela falou! Ela está a falar

HALE

Bendito seja Deus! Quebrou-se a cadeia! Estão livres

BETTY

Eu vi Marta Bellows com satanás

ABIGAIL

Eu vi a senhora Sibbers...

MANDRIOES
dE TEATRo

PUTNAM

A polícia. Eu vou chamar a polícia

PARRIS (*põe-se a gritar uma oração – COMEÇA A CAIR O PANO)*

HALE

Peça ao chefe de polícia para trazer correntes.

ABIGAIL

Eu vi a senhora Hawkins com satanás

BETTY

Eu vi a senhora Booth com satanás...

Em meio a gritos cai o pano.

SEGUNDO ATO

Cena 1 (de como Elizabeth pede a John Proctor para desmascarar a farsa de Abigail, mas este reluta, pois terá de tornar público sua infidelidade)

(casa dos Proctor, oito dias mais tarde)

PROCTOR (*estão jantando – ou não)*

Tenho a impressão de que teremos os campos verdes em breve. Se a colheita for boa, vou comprar uma novilha. Aqui em casa parece que ainda estamos no inverno! Parece que anda triste novamente. Devia por algumas flores pela casa. (*beija-a, ela deixa-se beijar passivamente)*

MANDRIOES
dE TEATRo

ELIZABETH (*está triste)*

Amanhã eu colocoi Prômeto. Chegou tão tarde. Pensei até que tivesse ido a Salém.

PROCTOR

Não. Não tenho nada para fazer por lá. Demorei porque essas terras parecem um continente quando ando a semeá-las.

ELIZABETH

Mary Warren foi a Salém hoje!

PROCTOR

E porque você a deixou ir? Não sabe que eu a proibi de voltar a Salém? Use de sua autoridade mulher!

ELIZABETH

Eu não consegui impedi-la. Ela levantou o queixo e me disse: "eu tenho que ir a Salém, senhora Proctor. Porque faço parte do Tribunal. E não de um tribunal qualquer". Segundo ela, mandaram vir juízes de Boston e quem preside o tribunal é o próprio delegado do Governador.

PROCTOR

Ela deve estar louca

ELIZABETH

Louca? Antes fosse John! Já estão presas quatorze pessoas e o tribunal tem poderes para mandar enforcá-las.

PROCTOR

Eles não se atreveriam a enforcar ninguém de Salém.

ELIZABETH

Creio que ainda não está entendendo o que está acontecendo. O delegado do governador prometeu a forca a quem não confessasse. Anda tudo doido. Abigail é quem leva as outras meninas ao tribunal e quando trazem alguém diante dela e as meninas se atiram ao chão a gritar e a uivar, a pessoa é presa acusada de embruxá-las. John! Você tem de ir a Salém. É preciso dizer aos juízes que isso tudo não passa de um grande fingimento.

PROCTOR

Claro que não passa de uma impostura.

ELIZABETH

Por favor, John vá contar-lhes o que Abigail te disse na semana passada.

PROCTOR

Que a doença da prima não tinha nada a ver com feitiçaria...

ELIZABETH

Sim! Ela mesma o disse. Deus quer que vá dizer isso ao Tribunal. Os juízes precisam saber. É extraordinário como eles acreditam nela. Vá agora mesmo John, não pode adiar uma coisa dessas.

PROCTOR

Como vou provar o que ela me disse? Todos a consideram como uma santa, acreditam em tudo o que ela diz. É a minha palavra contra a dela. Quando ela me disse isto estávamos sozinhos em um quarto, não tenho testemunhas.

ELIZABETH

Estava sozinho com ela em um quarto? Não foi como me contou.

PROCTOR

Só por um momento as outras pessoas vieram depois... Não suporto mais suas suspeitas

MADRIOES _dE TEATRo_

ELIZABETH

Faça então por merecer minha confiança. Está hesitando em desmascará-la. Se fosse outra pessoa e não Abigail, hesitaria?

PROCTOR

Não consinto que me julgue mais. Tenho minhas razões para ponderar antes de acusar Abigail de difamação e vou ponderar. Devia olhar para si mesma antes de fazer juízos temerários sobre mim. Eu já esqueci Abigail...

ELIZABETH

E a mim também

PROCTOR

Elizabeth, não sabe perdoar a ninguém? Desde que ela se foi, já há sete meses, que nada faço senão para te agradar. Aprende a caridade mulher. Tudo o que digo você coloca em dúvida.

ELIZABETH

John! Como posso acreditar em você? Há dias me disse que a tinha encontrado no meio de gente... E agora me diz que estavam a sós em um quarto...

PROCTOR

Elizabeth, de hoje em diante, nunca mais vai me ouvir advogar minha própria inocência. Nunca mais. *(isso será de fundamental importância mais adiante)* Como bom cristão eu te confessei tudo! Não há nada de bom em mim? Se há atenta nele e não me julgue sempre. Você não é Deus!

ELIZABETH

Eu vejo em ti apenas um homem bom! Se há algum juiz aqui, ele está dentro de ti. É o teu coração que te julga...

(nesse instante vai entrando Mary Warren. John Proctor a agarra com violência)

MANDRIÕES
dE TEATRo

Cena 2 (de como Mary Warren apresenta a loucura que está acontecendo no tribunal de Salém e, apesar de dizer defender a senhora Elizabeth, a incrimina com um aparente inofensivo presente)

PROCTOR

Eu não te proibi de ir a Salém? Acabo com você no chicote se atrever a sair dessa casa outra vez.

MARY WARREN

Por piedade! Estou doente! Estou tremendo toda por dentro. Estive no julgamento o dia todo

PROCTOR

Te pago nove libras é para cuidar da minha casa *(sua fúria é pouco a pouco substituída pela curiosidade sobre o julgamento)* e da minha mulher que anda doente...

MARY WARREN (*entregando a Elizabeth uma boneca de pano)*

É para a senhora. Fui eu mesma que a fiz! Estive tantas horas sentada naquele tribunal. Neste momento temos que nos amar uns aos outros... Amanhã me levanto cedo e arrumo toda a casa, agora estou tão cansada...

PROCTOR

Mary? É verdade que há quatro mulheres presas?

MARY WARREN

Não senhor. Agora há trinta e nove (*começa a chorar)* e a senhora Osburn vai ser enforcada...

PROCTOR

Enforcada? E o delegado do Governador permitiu uma coisa dessas?

MANDRIÕES dE TEATRo

MARY WARREN

Foi ele quem a condenou. Mas Sara Good não! Ela confessou que fez um pacto com Lúcifer... Que assinou o nome dela com sangue no livro do diabo...

PROCTOR

Mas isso é mentira, bem sabe que ela não passa de uma tagarela... Você sabe disso e não disse nada aos juízes?

MARY WARREN

Claro que não!Ela queria mesmo acabar conosco, mandou o espírito dela pra cima de nós. Ela já tentou me matar muitas vezes... diante dela eu me lembrei de tudo o que ela me havia feito...

PROCTOR

E o que te fez essa pobre coitada, que dorme nas valetas e que é tão velha e pobre...

MARY WARREN

Muitas vezes ela batia nessa porta a pedir pão e sempre que eu a mandava embora de mãos vazias ela desatava a resmungar

ELIZABETH

E não havia de resmungar se estava com fome?

MARY WARREN

Mas no mês passado logo depois dela ter saído resmungando, meus intestinos doíam tanto que pensei que iam arrebentar e ai eu contei tudo ao juiz Hathorne. Ele perguntou então à senhora Good que praga era essa que ela rogava em mim. Ela disse que não eram pragas, mas apenas mandamentozinhos. A descarada disse isso.

MANDRIÕES
dE TEATRo

ELIZABETH

Muito bem respondido.

MARY WARREN

Mas o juiz Hathorne pediu a ela para recitar então os mandamentos e, acreditem, dos dez, ela não soube dizer um sequer... nenhum mandamento ela sabia...

PROCTOR

E a condenaram só por isso? E as provas?

MARY WARREN

Provas? Ela não sabia os mandamentos! Quer prova maior? Sólida como uma rocha, disseram os juízes.

PROCTOR

Absurdo! Você não voltará mais a essa corte.

MARY WARREN

Eu o aviso senhor! Estarei na corte todos os dias. Não vê o trabalho duro que estamos fazendo?

PROCTOR

Um trabalho estranho para uma menina cristã, esse de enforcar velhinhas.

MARY WARREN

Mas, senhor Proctor, se ela confessar não será enforcada. A senhora Sarah Good só vai passar um tempo na cadeia. Além do mais, o doutor Griggs fez os exames e adivinhem? Ela está grávida.

PROCTOR

Grávida? Estão todos loucos! A mulher tem quase sessenta...

MARIOES
dE TEATRo

MARY WARREN

É a maravilha do Senhor! Ela está salva, ninguém irá maltratar a pobre criança. Não é uma maravilha? Nós fazemos o trabalho de Deus, entendeu porque eu preciso ir lá todos os dias? Disseram que eu sou uma oficial da corte *(vai em direção ao proscênio)*

PROCTOR *(pega o chicote)*

Deixa que quem te oficializa sou eu

MARY WARREN

Eu não serei mais chicoteada! O demônio está à solta em Salém, precisamos descobrir onde ele se esconde

PROCTOR

Pode deixar que de ti eu mesmo arranco esse demônio, mas no chicote (*vai chicoteá-la, mas ela salta e se dirige a Elizabeth)*

MARY WARREN

Ainda hoje eu lhe salvei a vida

ELIZABETH

Fui acusada? Quem me acusou?

MARY WARREN

Não! Foi apenas mencionada. A lei não me permite dizer quem foi. Mas eu afirmei que nunca havia visto a senhora mandar sinais de seu espírito contra mim. Retiraram a acusação. (*para Proctor)* Quatro juízes e o delegado do rei estiveram a jantar conosco há menos de uma hora. Eu quero que me fale com delicadeza de hoje em diante.

MANDRIOES _dE TEATRo_

PROCTOR

Já para a cama

MARY WARREN

Não tem nada que me mandar para a cama.

PROCTOR

Então fica de pé

MARY WARREN

Mas eu quero ir para a cama. Boa noite! (*sai descontente)*

Cena 3 (de como Elizabeth percebe a intenção de Abigail em matá-la e casar-se com John Proctor. Tenta convencê-lo a conversar com ela para dissuadi-la e salvar sua vida e casamento)

ELIZABETH

John! Sinto a corda em volta do meu pescoço! Ela quer a minha morte. Tive esse pressentimento a semana toda. Ela quer a minha morte.

PROCTOR

Eles retiraram a acusação. Temos que ser prudentes. Vou dizer-lhes que Abigail me disse que era tudo brincadeira...

ELIZABETH

Com tanta gente na prisão, John, faz-me um favor? Vai falar com Abigail

PROCTOR

E o que eu tenho a dizer à Abigail?

MAMBRIOES dE TEATRo

ELIZABETH

Você compreende mal as mulheres. Há sempre uma promessa feita no leito do adultério. Clara ou não, ela é sempre feita. Ela não pensa em outra coisa e, pretende me matar para ficar em meu lugar. É o que mais deseja. Eu não sou a Sara Good que dorme nas valetas, nem a senhora Osburn, bêbada. Porque Abigail iria acusar-me diante do tribunal se não pretendesse tomar o meu lugar? Sinto a corda...

PROCTOR

Ela não pode pensar em tal coisa

ELIZABETH

Alguma vez mostrou ter desprezo por ela? Quando ela passa perto de ti na igreja, fica corado...

PROCTOR

Coro pelo meu pecado

ELIZABETH

Mas ela dá outro significado a esse rubor

PROCTOR

E você? Que significado dá?

ELIZABETH

Penso que fica envergonhado por eu estar ali e ela tão perto. De novo eu te peço: vai conversar com ela, diz-lhe que não passa de uma prostituta. Qualquer promessa que ela suponha ter sido feita – quebra-a, John, quebra-a.

PROCTOR

Muito bem, irei. Mas não me acuse de ter feito tal promessa. A PROMESSA QUE O GARANHÃO FAZ A ÉGUA, EIS A PROMESSA QUE FIZ A ESSA MENINA.

MADRIGUERA
dE TEATRo

ELIZABETH

Então porque fica nervoso quando te peço para quebrá-la?

PROCTOR

Porque isso é prejuízo do meu nome. Foi o único erro da minha vida e não consigo me libertar dele e da sua idéia fixa...

ELIZABETH

Irá um dia entender que ou eu sou sua única esposa ou não tens esposa! Ela ainda te tem em seu poder. DECIDA.

(Chega o reverendo Hale, em uma espécie de sentimento de culpa)

Cena 4 (de como o Reverendo Hale questiona a fé do casal Proctor e começa a perceber a dimensão errada que a situação está tomando)

HALE

Boa noite! Espero não a ter surpreendido. É a senhora Proctor, não é verdade?

PROCTOR

Boa noite, reverendo! Entre, entre! Sim, é a minha mulher: Elizabeth. Não estamos habituados a receber visitas depois do anoitecer, mas o senhor é sempre bem vindo.

HALE (*entra definitivamente na peça*)

Obrigado... Há um assunto que tenho que tratar...

PROCTOR

Do tribunal?

MANDRIOES
dE TEATRo

HALE

Não! Estou por iniciativa própria... Não sei se o senhor já sabe, mas o nome de sua esposa... Foi mencionado hoje no julgamento e... Em Salém não passo de um estrangeiro, por isso tenho dificuldade em formar uma opinião das pessoas que são acusadas... Por isso tenho essa tarde tenho andado de casa em casa... Venho agora da casa da Senhora Rebeca Nurse...

ELIZABETH

Rebeca? Ela também foi acusada?

HALE

Só mencionada...

ELIZABETH

O senhor não pode acreditar que tão boa mulher pudesse traficar com o diabo... Não pensa nisso, não é mesmo?

HALE

É possível que sim! Vivemos numa época muito estranha. Não há dúvidas que os poderes das trevas se congregaram para um ataque a essa paróquia. Concorda comigo senhor Proctor?

PROCTOR

Custa-me acreditar que uma mulher tão piedosa como a senhora Rebeca Nurse possa ter se transformado em escrava do diabo após sessenta anos de vida devota.

HALE

Rebeca ainda não foi acusada... Mas a minha real intenção é a de fazer algumas perguntas sobre o comportamento cristão dessa casa...

MANDRIÕES _dE TEATRo_

PROCTOR

Nós não temos medo de perguntas... Fique a vontade...

HALE

No livro de presença do reverendo Parris, pude verificar que o senhor raras vezes assiste à missa em dias de Sabat. Gostaria de saber o porquê de sua ausência nas missas?

PROCTOR

Reverendo Hale, confesso nunca ter imaginado prestar contas a esse sujeito de ir à igreja ou ficar em casa cuidando de minha mulher, que tem passado muito mal este inverno. Quando não posso ir, faço minhas orações em casa.

HALE

A sua casa não é nenhuma igreja, que eu saiba. Sua teologia deve lhe ensinar isso, eu suponho?

PROCTOR

Minha teologia ensina sim! Ensina isso e outras coisas, como por exemplo, rezar a Deus sem por castiçais de ouro sobre o altar.

HALE

Castiçais de ouro?

PROCTOR

Sim! Quando construímos a nossa igreja eram de estanho. Mas, quando o senhor Parris aqui chegou, disse-nos por várias semanas que deveriam ser de ouro... De ouro... Até obtê-los... Reverendo Hale, eu não sei de nada... Trabalho a terra desde que a alvorada abre os olhos até a noite cerrar as pálpebras do dia, sou apenas um lavrador, mas respeitável... E quando quero olhar para o céu... Vejo meu suado dinheiro a cintilar atrás dos braços abertos do Reverendo Parris... Ele pensa em catedrais... Suas sagradas palavras me magoam...

MANDRIÕES dE TEATRo

HALE *(depois de refletir)*

Mas um bom cristão deve ir a igreja em dias de Sabat. Diga-me uma coisa. O senhor tem três filhos e, por que razão apenas dois são batizados?

PROCTOR

Não quero a mão desse senhor Parris e seus bezerros de ouro, estendidas sobre meu filho. Não vejo a luz de Deus nesse indivíduo.

HALE

Não cabe ao senhor decidir se existe ou não a luz de Deus sobre seu pastor...

PROCTOR

Mas afinal do que é que o senhor suspeita Reverendo Hale? Fui eu quem pregou o telhado da igreja, coloquei os portais...

HALE

Realmente, foi o senhor? É que... Há certa moleza em seu comportamento religioso...

ELIZABETH (*interrompendo)*

Talvez sejamos um pouco duros com o senhor Parris, mas isso não quer dizer que tenhamos nessa casa a menor ternura pelo diabo. (*silêncio)*

HALE

Elizabeth Proctor sabe os seus mandamentos?

ELIZABETH

Naturalmente que os sei!

MANDRIOES
dE TEATRo

HALE

E o senhor, Proctor? Faça o favor de recitá-los.

PROCTOR (*contando nos dedos)*

Não matar, Não cobiçar os bens dos outros. Não jurar o santo nome de Deus em vão, Amar a Deus sobre todas as coisas (*hesitando)* Guardar o dia do sabat. Honrar pai e mãe. Não levantar falso testemunho... Não jurar o santo nome de Deus em vão...

HALE

Já disse esse duas vezes.

ELIZABETH

O adultério, John.

PROCTOR

É verdade, o adultério! Como vê, a dois os conhecemos todos! Não é uma falta grave...

HALE

A menor brecha pode abrir passagem ao Demônio

PROCTOR

Está em uma casa cristã, reverendo!

ELIZABETH

Reverendo Hale, o senhor suspeita de mim não é verdade?

HALE

Eu não posso julgá-la. Meu dever é apenas colocar meus conhecimentos das artes demoníacas a serviço do tribunal. Preciso ir-me. Boa noite (*faz menção de sair*)

dE TEATRo

ELIZABETH

John! Diga-lhe toda a verdade!

HALE

Qual verdade?

PROCTOR

Que a doença das garotas nada tem a ver com feitiçaria. Estavam apenas a brincar na floresta quando o reverendo Parris as viu. Ficaram tão assustadas... São apenas os nervos.. É só isso o mistério (*hesitando)* foi a própria Abigail quem me disse isso no dia em que o senhor aqui chegou

HALE

Abigail? Por que razão não me disse isso antes?

PROCTOR

É que só hoje soube desse disparate...

HALE

Disparate? Mais devagar senhor Proctor. Eu mesmo interroguei Tituba, Sara Good e todas as outras, que confessaram suas trocas com o demônio.

PROCTOR

Claro que confessaram! Se negassem as enforcavam! Já pensou nisso?

HALE

Para ser sincero... Sim! E o senhor é capaz de testemunhar isso em tribunal?

NAVEGANTES
dE TEATRo

PROCTOR

O que me pergunto é se num tribunal desses acreditarão na minha história. O senhor mesmo, um sacerdote tão culto e inteligente, suspeita de minha mulher que nunca mentiu na vida... Não sou ingênuo Reverendo!

HALE

Proctor seja franco comigo. Ouvi dizer que o senhor não acredita que existam bruxas sobre a terra

PROCTOR

Talvez eu até tenha dito isso um dia. Tenho dúvidas... O que eu não acredito é que elas estejam entre nós...

HALE

Então o senhor não acredita? E a senhora?

ELIZABETH

Não posso acreditar

HALE (*chocado)*

Não pode?

ELIZABETH

Eu sou uma mulher decente, que leva uma vida digna. Não acredito que é possível a alguém praticar só boas ações e estar ligada a satanás. Se o senhor acredita que sou uma delas, então lhe digo que não existem bruxas.

PROCTOR

Elizabeth crê nos evangelhos

MANDRIOES
dE TEATRo

HALE

Os evangelhos são explícitos...

ELIZABETH

Interrogue Abigail sobre os evangelhos, não a mim.

HALE

Que Deus os proteja! Batizem seu terceiro filho, assistam ao culto (*chegam Giles Corey e Francis Nurse interrompendo)*

Cena 5 (de como as pessoas da comunidade se acusam)

GILES

John precisa nos ajudar. Levaram a minha mulher e a senhora Rebeca também.

FRANCIS

Minha Rebeca está presa! Reverendo Hale o senhor não poderia falar com o delegado do governador... A minha mulher é o sustentáculo da nossa igreja, a mulher dele também *(aponta para Giles)*

Minha querida Rebeca está sendo acusada do assassinato das filhas do senhor Putnam. Que devo fazer senhor Hale?

HALE

Confie na justiça do tribunal

FRANCIS

Ela será julgada em tribunal?

MANDRIÕES dE TEATRo

HALE

Os tempos são outros! Embora nossos corações sangrem, não há dúvidas de tenebrosas conspirações. O demônio está vivo em Salém. Não podemos hesitar em seguir todas as pistas que os dedos acusadores apontam...

PROCTOR *(furioso)*

Impossível uma mulher como Rebeca assassinar crianças. Um absurdo isso!

GILES

E eu? Eu nunca disse que minha mulher era feiticeira, apenas disse que ela lia seus livros... Certa vez ela vendeu um porco que logo depois morreu e, o fulaninho veio exigir o dinheiro de volta. Ela apenas disse a ele que se não alimentasse convenientemente um porco, não teria muitos pela vida afora. Agora ele vai ao tribunal e diz que seus porcos morrem porque a minha Marta os embruxa com os livros que lê..

ELIZABETH

Como vê Reverendo, essa gente anda toda fora de si. (*chegam Ezequiel Chevver e Herrick enviados pelo tribunal)*

GILES

Ai estão o oficial do Tribunal e o chefe dos guardas. Antes homens honestos, agora vivem a prender pobres mulheres.

CHEVEER

Tenho que obedecer ás ordens. (*para Proctor)* Se a lei é pesada, eu tenho esta noite todo o peso dela sobre minhas costas. Tenho um mandato de prisão contra a senhora Elizabeth Proctor. Entregaram-me esta noite dezesseis mandatos.

MANDRIOES
dE TEATRo

PROCTOR

Quem a acusou?

ELIZABETH

Ainda pergunta John?

CHEVEER

O tribunal também me deu a ordem de levar todas as bonecas que a senhora tem em casa.

ELIZABETH

Não tenho bonecas...

CHEVEER (*embaraçado vê a boneca que Mary Warren havia lhe dado)*

Mas eu estou vendo uma ali! Não se importa em me entregar?

ELIZABETH

É a boneca que Mary Warren me trouxe hoje. (*para Hale)* O tribunal agora se preocupa também com bonecas? Que importância isso tem? (*Cheveer examina a boneca e encontra uma agulha)*

CHEVEER

Olhem! Uma agulha! Herrick veja: é testemunha de que encontrei uma agulha. Aqui está a calamidade.

PROCTOR

Elizabeth vá chamar Mary para explicar essa história. O que há demais em uma agulha?

CHEVEER

A senhora Elizabeth Proctor terá de vir comigo. Hoje à tarde, a menina Abigail estava sentada à mesa de jantar na casa do seu tio Parris, quando caiu a gritar de dor, gritava muito e então ele ao socorrê-la viu sair de sua barriga uma agulha. Ela lhe disse que foi o espírito de sua esposa que a enfiou.

dE TEATRo

PROCTOR

Ora, foi ela mesma quem fez isso. Não há prova nenhuma disso...

CHEVEER

É uma prova decisiva! O senhor Reverendo é testemunha. Eu mesmo encontrei a agulha enterrada na boneca (*entra Mary Warren)*... Nunca pensei vir a encontrar tamanha prova da presença do inferno nessa casa..

PROCTOR (*agressivo, arrastando-a pelo braço)*

Anda Mary! Diz ao reverendo como é que essa boneca veio parar nessa casa!

MARY WARREN (*evasiva)*

Bem... Eu própria fiz essa boneca no Tribunal... E dei-a a senhora Proctor esta noite

HALE

Encontramos uma agulha espetada nessa boneca. Foi você quem a espetou?

MARY WARREN

Fui... Julgo que fui, senhor, eu....

HALE

Tem certeza? Não haverá ninguém a te dar ordens, por magia, para dizer isso nesse momento?

MARY WARREN

Pergunte a Abi (gail)

MANDRIOES
dE TEATRo

PROCTOR

Pronto! Mande esse homem embora. O senhor é um ministro de Deus e não pode ser cúmplice desta fraude toda!

HALE

Mary Warren. Entenda a situação. Abigail apunhalada esta noite. Acaso a acusa desse homicídio friamente premeditado? Ela mesma teria feito isso?

MARY WARREN

Eu não a acuso nada...

HALE

Mas ela acusa a senhora Elizabeth

ELIZABETH

Ela é uma assassina merecia ser fatiada em postas e atirada fora desse mundo.

CHEEVER

Ouviu o que ela disse reverendo? Feita em postas...

PROCTOR (*avança sobre ele, arranca o mandato de suas mãos e o rasga)*

Fora daqui... E o senhor vá com eles! (*para Hale)* O senhor não é um ministro de Deus!

HALE

Se ela for inocente o tribunal decerto...

PROCTOR

Se ela for inocente?

Parris é inocente? Abigail é inocente? Os acusadores são sempre sagrados e todos os acusados não são inocentes?

Nós somos o que sempre fomos aqui em Salém, mas agora por causa de crianças caprichosas a menor vingança tem o valor de lei? Eu não entrego minha mulher às mãos de uma vingança.

HALE

O tribunal é justo...

PROCTOR

Pilatos! Deus não consentirá que lave as mãos mais uma vez!

ELIZABETH (*lutando contra as lágrimas)*

John... Tenho que ir... (*para Mary Warren)* põe o pão no forno à tarde. Trata do senhor Proctor como se fosse filha dele. Quando as crianças acordarem não fale em feitiçaria, eles podem se assustar. Diz a eles que fui visitar alguém doente...

PROCTOR

Há de voltar em breve! Hei de cair sobre esse tribunal como um flagelo (Elizabeth *sai com Herrick e Cheever. Ouve-se o tilintar de uma corrente)*

Não lhe ponham correntes, malditos! *(Mary Warren chora)* Herrick, vai me pagar por isso.

GILES (*para Hale)*

Mudo como uma rocha, pastor? Isto é uma fraude descarada e o senhor sabe disso! O que o impede de gritar a verdade?

PROCTOR

E o senhor pastor, fora da minha casa

HALE

Siga o meu conselho: seja prudente. O senhor não lucra nada em afirmar que isto não passa de vingança de uma jovem. Os espíritos andam confusos. Tudo que ouvi aqui em favor da senhora Elizabeth, irei depor perante o Tribunal.

MARIOS _dE TEATRo_

PROCTOR

O senhor não passa de um covarde

HALE

Proctor! Como homem de Deus, eu não acredito que uma causa tão insignificante provoque tão grande efeito. As prisões estão cheias, os mais eminentes juízes estão em Salém e, a sombra da forca paira sobre todos. Deve haver uma causa que seja proporcional. Algum crime monstruoso, uma abominação... Ajude-me a descobrir essa causa, esse pecado original que parece pesar sobre Salém *(para todos)* Reúnam-se todos, meditem sobre vossa comunidade e procurem descobrir o que possa ter feito cair do céu tamanha cólera sobre vossas cabeças (*vai saindo)* boa noite

PROCTOR

Deixem-me a sós (*Giles e Francis saem, despedindo-se)* e você (*para Mary Warren)* vai comigo amanhã ao tribunal e irá dizer como aquela maldita boneca veio parar aqui em casa e quem foi que espetou a agulha na barriga...

MARY Warren

Eu não posso acusar Abigail. Ela me mata se eu disser isso. E é capaz de acusar o senhor de luxuria, senhor Proctor.

PROCTOR

Que acuse. Será também o fim da sua santidade! Seremos nós dois juntos a remexer o mesmo poço de lama... Você vai dizer ao tribunal tudo o que sabe

MARY WARREN

Não posso... Não posso (*repetindo)*

PROCTOR (*agarrando-a pelo pescoço, apertando cada vez mais como quem vai estrangulá-la)*

Ela não vai morrer por minha causa, nem que eu te arranque as tripas pela boca, minha mulher não vai morrer por minha causa... Vai fazer o que estou lhe dizendo... É teu dever (*atira-a no chão- ela sempre a repetir "não posso")*

O céu e o inferno lutam em nossas costas e no coração de cada um... Nossa velha presunção se esvaiu...

MARY (*chorando)*

Não posso...

PROCTOR

Nós somos afinal o que sempre fomos. Simplesmente agora estamos nus e o vento gelado de Deus, vai soprar!

Fim do 2º ato

TERCEIRO ATO

Cena 1 (de como o tribunal demonstra seu autoritarismo ao negar o direito de defesa)

(em cena: Juiz Hathorner, Marta Corey, Hale, O delegado do governador Danforth, Reverendo Parris A cena se passa na igreja que serve de Tribunal)

MARTA COREY

Não sou bruxa. Sou inocente. Nem sei o que é uma bruxa.

HATHORNE (JUIZ)

Então como sabe que não é uma bruxa?

NAMBRIOES
dE TEATRo

MARTA COREY

Se fosse uma bruxa, com certeza saberia.

HATHORNER

Por que razão faz sofrer essas crianças?

MARTA COREY

Não as faço sofrer. Apenas rio-me delas.

(Entra Giles, aos berros. Entra junto Francis Nurce)

GILES

Trago provas ao tribunal. Tomás Putnam quer é mais terras. Só dizem mentiras!

Tenho provas! Não querem conhecer minhas provas?

HALE

Pelo amor de Deus senhor Giles Corey, fique calmo um momento.

HATHORNER

Como é que o senhor se atreve a berrar assim no meu tribunal. Está maluco?

GILES

O senhor é juiz, mas não tem o direito de me chamar de maluco.

DANFORTH

Quem é esse homem?

PARRIS

É o senhor Giles Corey, não há na terra indivíduo mais rebelde...

MANDRIOES
dE TEATRo

GILES

A pergunta foi feita a mim e eu tenho idade suficiente para responder sozinho. Chamo-me Giles Corey e possuo seiscentos acres de terra. É a minha mulher que os senhores estão em vias de condenar. E devo calar-me?

DANFORTH

Apenas sua idade me impede de mandá-lo prender. O senhor se acha com autoridade para decidir o que o tribunal deve ouvir e o que deve rejeitar? O senhor não sabe que este tribunal é a mais alta jurisdição do governo desta província?

GILES (*chorando, quase implorando)*

Excelência, eu apenas disse que ela tinha mania de ler livros, só por isso a tiraram da minha casa. Eu só queria saber porque minha mulher é tão agarrada aos livros e, cometi aquela imprudência, mas eu nunca disse que ela era bruxa... foi só uma curiosidade... foi um erro...

DANFORTH

Muito bem! Então que apresente suas provas ao Tribunal pelas vias legais. Não é invadindo assim o recinto, agora saiam! (*Giles sai – ou é retirado)*

FRANCIS NURCE

Vias legais? Estamos desesperados, já há três dias que vimos aqui e ainda não conseguimos que nos ouçam.

HALE

Este é Francis Nurce, foi a mulher dele, Rebeca Nurse, que foi condenada essa manhã.

MANDRIOES
dE TEATRo

DANFORTH

Escreva suas alegações e em devido tempo eu prometo...

FRANCIS NURCE

Excelência, nós temos provas irrefutáveis de que essas meninas não passam de mentirosas. Temos provas, senhor. Todas elas mentem.

HATHORNE

Isto é uma ofensa ao tribunal

DANFORTH

Cale-se, juiz Hathorne!

Sabe quem sou eu, senhor Nurse? Sabe que de Lynn a Marblehead, quatrocentas pessoas estão na cadeia por minha assinatura? E que setenta e duas foram condenadas à forca, por essa assinatura?

FRANCIS

Excelência, é um poderoso juiz. Mas andam a enganá-lo...

(entra Giles Corey junto com John Proctor e Mary Warren)

Cena 2 (de como Proctor e Giles revelam a verdade sobre o que está ocorrendo. Mas reconhecer o fato seria assumir o erro dos julgamentos anteriores elaborados pela fusão de um Estado fundido à religião)

PARRIS

Mary Warren! O que vem fazer aqui? Não estava de cama quando foram buscá-la semana passada para vir a esse tribunal?

MANDRIÕES DE TEATRO

GILES

E ela estava! Durante a semana toda lutou com a sua alma, excelência. Mary Warren veio aqui hoje para dizer-vos a verdade.

PARRIS

E aquele homem, excelência, é John Proctor. Elizabeth Proctor é a sua mulher. Desconfie dele. Este homem é do mal.

DANFORTH

Um momento. Estou agora interessado em ouvir o que Mary Warren tem a nos dizer.

PROCTOR

Que ela nunca viu espíritos, senhor. *(procurando no bolso)* ela assinou um depoimento..

DANFORTH

Não! Não aceito depoimentos. O senhor contou na aldeia essa história de que ela nunca viu espíritos?

PROCTOR

Não

DANFORTH

Sabe senhor Proctor, que a convicção profunda do Estado é que nesse julgamento a voz de Deus fala pela boca dessas crianças?

PROCTOR

Sei sim senhor

MANDRIÕES
dE TEATRo

DANFORTH

E você Mary Warren, por que razão acusou tantas pessoas de mandar contra você os seus espíritos?

MARY WARREN

Era tudo mentira

DANFORTH

Ah sim? E as outras meninas? Também mentiram?

MARY WARREN

Também! Todas, senhor.

PARRIS

Excelência, o senhor não vai deixar que essa mentira se espalhe entre os membros desse tribunal.

DANFORTH

Decerto que não, mas estou impressionado. Agora, senhor Proctor, antes de decidir se devo ouvi-lo ou não, é meu dever dizer que jogamos nesse momento em Salém uma cartada muito grave. A dissimulação não é bem vinda.

Compreendo que a ternura de um esposo possa levá-lo a extravagâncias na defesa da mulher. Está certo em sua consciência de que suas declarações correspondem à verdade ?

PROCTOR

Certamente.

DANFORTH

E o senhor tencionava fazer essa declaração em público, isto é, em pleno tribunal, com qual intenção?

PROCTOR

A libertação de minha mulher.

MANDRIÕES
dE TEATRo

DANFORTH

A mesma mulher que quando foram prendê-la, o senhor insultou o tribunal, rasgou o mandato de prisão, não teria por acaso o desejo de destruir o poder deste tribunal?

PROCTOR

Não sabia o que fazia, senhor. Estava desesperado.

DANFORTH

Senhor Proctor, já viu alguma vez o demônio?

Proctor

Não senhor.

DANFORTH

O senhor é bom cristão?

PROCTOR

Sou sim, senhor!

PARRIS

Tão bom cristão que só vai à missa uma vez por mês!

DANFORTH

Não vai a missa?

PROCTOR

Não morro de amores pelo reverendo Parris. Mas amo a Deus sobre todas as coisas

MANDRIÕES
dE TEATRo

PARRIS

Ele trabalha aos domingos

DANFORTH

Trabalha aos domingos?

PROCTOR

Isso aconteceu duas ou três vezes. Tenho lavrado minha terra aos domingos. No ano passado a minha terra pouco rendeu e tenho três filhos, senhor...

HALE

Excelência, penso que não é possível julgar um homem sobre tais fatos.

DANFORTH

Não julgo coisa alguma. (*para Proctor)* Tenho visto prodígios neste tribunal. Tenho visto pessoas sufocadas pelos espíritos diante dos meus próprios olhos. Nunca tive a menor razão para suspeitar que essas crianças me enganavam. Compreende o que quero dizer?

PROCTOR

Excelência, não o impressiona o fato dessas mulheres que hoje são condenadas terem vivido a sua vida toda com uma reputação sem mácula?

PARRIS

Se lesse os evangelhos, devia saber que Caim era um homem justo e que, no entanto, matou Abel.

PROCTOR (*para Danforth)*

Mas não nos diz que Rebeca Nurse assassinou sete crianças mandando seu espírito contra elas. Foram garotas de dezoito anos que o disseram e destas, uma delas, Mary Warren, que está aqui, pode jurar que mentiu.

TEATRO_S
dE TEATRo

(*Danforth fala ao ouvido de Hathjorne. Este diz que sim com a cabeça)*

DANFORTH

Senhor Proctor, a sua mulher fez chegar as minhas mãos uma súplica em que afirma estar grávida. Mas ela não apresenta sinais.

PROCTOR

A minha mulher grávida! Se ela diz que está grávida, é porque está. Ela nunca mentiu, senhor Danforth..

DANFORTH

Nunca mentiu?

PROCTOR

Nunca!

DANFORTH

Se eu lhe prometesse guardá-la em observação durante um mês e, no caso de ela mostrar os sinais do seu estado, lhe garantisse que ela poderia viver ainda mais um ano, o que me responderia o senhor? *(silêncio)* O senhor não tem o propósito de salvar a sua esposa? Depende só de ti que ela seja salva, pelo menos durante um ano, senhor Proctor.

Retira a sua acusação?

PROCTOR

Eu... não posso fazê-lo *(olhando para Francis e Giles)* estes homens são meus amigos... as mulheres deles também foram acusadas.

MANDRIÕES _dE TEATRo_

DANFORTH

O seu objetivo, portanto, é mais ambicioso do que o senhor diz.

PARRIS

Subverter o tribunal, Excelência

PROCTOR

Não vim para ofender o tribunal

DANFORTH

Senhor Proctor, que declarações tem a nos fazer? Seja claro, franco e honesto. Os corações puros não têm necessidade de advogado. Faça como bem entender.

PROCTOR

Antes de mais nada, importa-se de ler este papel, senhor? (*entregando-o).* Nele há o nome de noventa e um agricultores, membros de nossa comunidade que conhecem muito bem a senhora Rebeca Nurse, Marta Corey e a minha esposa e afirmam que nunca observaram quaisquer sinais que lhes permitissem acreditar que elas eram possessas do demônio.

PARRIS

Isso é um ataque aberto contra o tribunal. Essa gente deveria ser citada, para ser interrogada no tribunal.

HALE

Então toda a defesa é um ataque contra o tribunal?

PARRIS

Todas as pessoas inocentes, os verdadeiros cristãos, se sentem felizes com esse tribunal

MANDRÕES
dE TEATRo

HATHORNE

Também sou da opinião do Reverendo Parris. Penso que deviam ser interrogados.

DANFORTH

Como delegado do governador declaro detenção para investigação. Preparem os mandatos de captura para todos esses indivíduos. Devem compreender que quem não está com o tribunal, está forçosamente contra ele. Não há um terceiro caminho. (*Mary Warren põe-se a soluçar)* Essa menina não está bem, parece-me.

PROCTOR

Não está não, senhor. (*Para Mary)* Coragem, Mary. Lembra-te do que o anjo Rafael dizia a Tobias: "faz o bem e nenhum mal te alcançara". (*para Danforth)* Tenho aqui também o depoimento do senhor Giles (*entrega-o. ele começa a ler)*

DANFORTH

Reverendo Parris, traga até aqui o senhor Putnam. (*este sai)* O senhor tem muita prática em tribunais, senhor Giles. Dizem que já esteve trinta e três vezes em juízo, sempre como autor. É um homem muito reivindicativo.

GILES

Não sou não senhor. É que conheço meus direitos e luto por eles. (*entram Parris e o senhor Putnam)*

Cena 3 (de como se revelam outros interesses nas acusações de bruxaria)

DANFORTH

Senhor Putnam, tenho aqui, uma grave acusação de Giles Corey. Ele alega que o senhor deu ordem a sua filha para acusar de feitiçaria o cidadão George Jacobs, que se encontra agora preso.

MANDRIÕES
dE TEATRo

PUTNAM

Isso é uma calúnia! Onde estão as provas?

GILES

A prova esta aqui (*mostrando o papel)* Se George jacobs for enforcado por feitiçaria confiscam-lhe as terras: é a lei! Ora, Putnam é a única pessoa na aldeia com dinheiro suficiente para comprar uma propriedade tão grande. Este homem anda a matar os vizinhos para ficar com suas terras.

DANFORTH

Mas e as provas?

GILES

A prova está aqui! Tive-a de um homem honesto que a ouviu da boca de Putnam, quando esse disse na presença dele, as esfregar as mãos de contente, que sua filha acabara de presenteá-lo com mais um bom pedaço de terra.

DANFORTH

E qual é o nome desse homem que lhe deu essa informação?

GILES

Eu não posso dizê-lo... se o fizer, sei que o metem na cadeia.

DANFORTH

Isso é um insulto ao tribunal

GILES

Um dia, diante deste reverendo delator (*para Parris*) cai na asneira de pronunciar o nome de minha mulher, hei de arder no inferno por essa imprudência. Não digo nenhum nome... não posso dizer o nome...

MANDRIOES
dE TEATRo

PROCTOR

Excelência, a história foi lhe contada confidencialmente... ele não pode...

PARRIS

O demônio esconde-se atrás de confidências...

DANFORTH

Velho, se o seu informante disse a verdade que venha aqui dizê-la abertamente. Assim, o governo e a igreja pedem que diga o nome desse homem que acusa o senhor Putnam de um assassinato, senão não terei outra alternativa senão mandá-lo prender por insulto a esse tribunal.

HALE

Excelência, já não podemos fechar os olhos! Um medo prodigioso deste tribunal percorre a província. Reina nesta terra um enorme pavor.

DANFORTH

Não me censure por haver medo nessa terra (*zangado)* . Se existe medo é porque fomentaram uma tremenda conjuntura contra Jesus Cristo.

HALE

O que não quer dizer que todas as pessoas acusadas façam parte dessa conjuntura.

DANFORTH

Nenhum homem incorrupto tem razão para temer esse tribunal. (*para Giles)* . O senhor está preso por insulto a esse tribunal.

MANDRIOES
dE TEATRo

GILE (*para Danforth)*

O senhor está é caçoando de nós! Seu desejo é enforcar a todos nós.

PROCTOR

Calma senhor Giles! Agora vamos provar tudo! (*Proctor entrega outro papel a Danforth)* Aqui está o depoimento de Mary Warren. Há duas semanas ela em nada diferia das outras meninas que continuam sendo auxiliares nesse tribunal. Ela gritava e jurava que em pleno tribunal vinham espíritos sufocá-la. Chegou a afirmar que satanás tomava a forma de Sara Good e de outras mulheres que estão agora presas ou já foram enforcadas... Pois ela agora jura que nunca viu satanás e mais: afirma que as suas amigas também mentem.

HALE

Excelência! Eu penso que isso toca no fundo do problema! É uma reclamação poderosa. Por amor a Deus, interrompa a audiência! Mande-o para casa, e que ele volte aqui acompanhado de um

advogado, ele é um simples agricultor...Eu assinei setenta e duas sentenças de morte. Eu sou um minsitro de Deus e não me atreveria a tirar uma vida sequer se houvesse qualquer dúvida...

DANFORTH

Reverendo Hale, o senhor duvida da minha justiça?

HALE

Esta manhã assinei a sentença de morte de Rebeca Nurse! As minhas mãos tremem ainda, como se estivesse feridas. Quanto a reclamação do senhor Proctor, deixe que ele traga um advogado...

DANFORTH

O senhor me parece muito confuso hoje!

Vejam bem todos! Raciocinem comigo: A feitiçaria é um crime invisível, não é verdade? Por conseqüência, quem pode ser testemunha de um crime desses? Apenas a bruxa e a vítima. Ninguém mais!

Não podemos esperar que a bruxa acuse a si mesma. Concordam? Então, só nos resta acreditar nas vítimas. As crianças são as vítimas e, testemunharam livremente e, quanto às bruxas fizemos o impossível para obter suas confissões. Portanto, o que vinha fazer aqui um advogado? Nada! Fui claro?

HALE

Não senhor! Pode haver falsas vítimas. É isso que Mary Warren está afirmando. E se isso for verdade. Se as meninas estão mentindo?

DANFORTH

É precisamente isso que estou averiguando. Tragam aqui as crianças.

Mary Warren, o senhor Proctor a ameaçou para fazer esse depoimento?

MARY Warren

Não senhor!

MANDRIÕES DE TEATRO

DANFORTH

Nesse caso, segundo seu depoimento, confessa que mentiu diante deste tribunal, mesmo sabendo que isso provocaria o enforcamento de muita gente?

MARY WARREN

Menti, sim senhor.

DANFORTH

Ouve o que te digo. Ou está a mentir agora, ou mentiu no tribunal e, tanto num caso como noutro, cometeu perjúrio e tem que ir para a cadeia. Sabe que não pode mentir sem ser castigada.

MARY WARREN

Estou dizendo a verdade. Já não posso mentir mais. Agora estou com Deus (*chora – entram as meninas Susana Walcott, Mercy Lewis, Betty Parris e, Abigail*.)

dE TEATRo

Cena 4 (de como o Tribunal assume o poder da lei a partir de interpretações da bíblia)

DANFORTH (*para elas)*

Mary Warren veio aqui para fazer um depoimento, em que jura nunca ter visto espíritos, aparições ou qualquer outra manifestação do demônio e que nenhuma de vós também nunca viu nada disso. Minhas filhas! Nesse tribunal se aplica a lei. E a lei tem origem na bíblia, que proíbe a prática de feitiçaria. A bíblia amaldiçoa também todos os que levantam falso testemunho.

Quem sabe se Mary Warren não foi conquistada pelo demônio que a enviou aqui para nos distrair do nosso sagrado propósito. Se assim for, ela merece a forca. Mas se ela fala a verdade, peço que ponham fim ao que ela diz ser um fingimento.

Abigail Williams, há alguma verdade no que ela diz?

ABIGAIL

Nenhuma, senhor.

DANFORTH

Alguma de vocês está disposta a mudar de atitude ou será preciso recorrer a um interrogatório mais duro?

ABIGAIL

Eu não mudo de atitude. Ela mente.

MARY WARREN (*FRÁGIL*)

Mantenho a declaração

MANDRIOES
dE TEATRo

DANFORTH

Abigail! Foi encontrada uma boneca atravessada por uma agulha na casa do senhor Proctor! Viu Mary Warren confeccionar a boneca no tribunal? Ela diz que estava sentada a seu lado.

ABIGAIL

É uma mentira! A senhora Proctor sempre teve bonecas.

PROCTOR

Excelência, a minha mulher nunca teve bonecas em casa. Mary Warren pode jurar que nunca viu bonecas em minha casa. Nem ela nem ninguém.

PARRIS

Quem sabe se não havia bonecas escondidas

PROCTOR

Podia haver também um dragão de quatro patas, mas ninguém o viu! Senhor Danforth, o que pode Mary Warren ganhar em mentir? Que pode ganhar senão o mais duro interrogatório, e talvez pior (*isso a atinge)*

DANFORTH

Mas então o senhor tem consciência de que se isso for fato, estará acusando Abigail de assassinato premeditado?

PROCTOR

Tenho sim, senhor! Ela tinha a intenção de matar...

DANFORTH

Esta criança capaz de matar sua esposa?

PROCTOR

Já não é mais uma criança (*para Mary*)

Mary conta agora ao senhor delegado do governador como foi surpreendida com as outras a dançar na floresta (*ela hesita com medo de Abigail que a olha fixamente)* .

Abigail costumava levar as outras garotas para a floresta e, ai punham-se a dançar, nuas...o reverendo Parris as encontrou uma noite dessas. Essa é a "linda criança" que ela é.

PARRIS

Não encontrei nenhuma delas nua, mas este homem não tem feito outra coisa a não ser procurar manchar o meu nome...

DANFORTH

Mas realmente as encontrou dançando na floresta? E Abigail também?

PARRIS

Encontrei, mas repito que não vi nenhuma delas nua e... Abigail estava lá também...

Cena 5 (de como ao assumir um erro a verdade é revelada mas, cria-se um artifício para justificar o erro do tribunal)

(Danforth, fica "dilacerado" ,mas o juiz Hathorne vem "salvá-lo")

HATHORNE

Excelência, dá-me licença!

Mary Warren, afirmas que nunca foi ameaçada por nenhum tipo de espírito e, no entanto aqui mesmo nesse tribunal, quando estava diante das pessoas acusadas de feitiçaria, sofria desmaios, dizendo que eram os espíritos dessas pessoas que abandonavam seus corpos e se lançavam sobre você. Não é assim?

MANDRIOES
dE TEATRo

MARY WARREN

Aquilo era fingimento senhor.

PROCTOR

São todas atrizes maravilhosas.

HATHORNE

Então ela pode fingir o desmaio agora?

MARY WARREN

Desmaiar?

PARRIS

Isso! Desmaie! Nesse momento não há nenhum espírito atacando-a, uma vez que não há ninguém nesta sala acusado de bruxaria. Prove para nós que fingiu na corte tantas e tantas vezes.

MARY WARREN

Eu não consigo desmaiar agora senhor... eu não sinto agora...

DANFORTH

O que estaria faltando? Será porque aqui não há espíritos diabólicos e no tribunal havia?

MARY WARREN

Eu nunca vi espíritos senhor... não posso (*abana a cabeça)*

PARRIS

Então confessa que no tribunal desmaiava por ação dos espíritos?

MARY WARREN

Não senhor... eu desmaiava porque pensava que via espíritos, mas não os via... eu ouvia as outras meninas gritarem e o senhor juiz parecia acreditar nelas, e eu... no começo era só brincadeira... mas depois todos puseram a gritar... os espíritos, os espíritos... não se falava em outra coisa, eu apenas julgava que os via mas não os via, juro.

DANFORTH

Abigail, te peço novamente: consulta o seu coração. Me diz a verdade! Não seria possível que esses espíritos fossem apenas ilusão?

ABIGAIL

Estou ofendida, senhor Danforth. Todos os dias corri o risco de ser assassinada, porque cumpria o dever de desmascarar os servidores do demônio e o que ganho em recompensa? Ser suspeita, interrogada como uma...tenha cuidado senhor Danforth. Não se julgue tão poderoso que os poderes das trevas não possam apoderar-se de ti

(começa a olhar para um ponto qualquer, depois para todos os lados e começa abraçar o corpo como se estivesse sentindo frio)

Ui que vento, que vento gelado (*fixa o olhar em Mary Warren- as outras meninas a imitam dizendo estarem com frio)*

PROCTOR

Estão a representar

HARTHORNER

Ela está fria mesmo (*apalpando as mãos de Abigail)*

ABIGAIL

Mary, Mary porque lança essa sobra sobre mim?

MEMÓRIAS _dE TEATRo_

MARY WARREN

Abby, não faça isso! (*as meninas estão a tremer)*

DANFORTH

Mary, estás a embruxá-la? Está mandando seu espírito contra ela?

ABIGAIL (*GRITANDO)*

Ó pai do céu, afasta de mim esta sombra

Proctor atira-se sobre Abigail e, puxando-a pelo cabelo a coloca de pé. ela grita de dor. Os outros gritam para ele parar e na confusão ecoa sua voz)

PROCTOR

Com se atreve a invocar o céu? Prostituta! Prostituta! (*são separados)*

DANFORTH

O que diz o senhor?

PROCTOR

É uma prostituta

DANFORTH

O senhor tem que provar o que disse.

PROCTOR

Eu a conheci, senhor... eu a conheci

MANDRIOES
dE TEATRo

DANFORTH..

O senhor é um devasso?

FRANCIS NURCE

Isso não é verdade, Jonh, não pode ser..

PROCTOR

É verdade! Ela é capaz de negar *(sua voz é de vergonha*) eu a conheci onde o meu gado refocila. Ela servia em minha casa... a minha mulher percebeu tudo e a colocou na rua.. eu a desejava tanto e há sempre uma promessa no desejo... Mas a vingança dela é uma vingança de prostituta, como os senhores podem ver. Estou agora nas vossas mãos. Agora já podem compreender tudo

ABIGAIL

Vou-me embora

PROCTOR

Fiz gato e sapato da minha honra... mas tem que me acreditar... a minha mulher é inocente, só tem uma mácula: ter conhecido uma prostituta quando viu essa moça!

ABIGAIL (*para Danforth)*

Porque me olha dessa maneira? Não suportarei mais esses olhares (*vira e começa a sair)*

DANFORTH

Fique onde está! Reverendo Parris vá buscar a senhora Proctor e nem uma só palavra sobre o que se passou aqui! (*Ele sai. - para Proctor)* O senhor diz que sua mulher é honesta. Então quando ela colocou essa menina para fora de casa, sabia que se tratava de uma rameira?

PROCTOR

Em toda a sua vida ela nunca mentiu. Paguei muito caro para o saber. Sim senhor, sabia sim.

MADRIGUES
dE TEATRo

DANFORTH

(*para Abigail)* se ela declarar que te pôs para fora de casa pela sua indecência dos teus costumes, que Deus tenha piedade de sua alma. Agora vire-se de costas e não olhe nos olhos dela. O senhor também senhor Proctor, vire-se e ninguém nesta sala professe palavra alguma. Vou interrogá-la e tomem nota do testemunho, palavra por palavra.

(*Elizabeth entra e fica parada no meio da sala, Proctor e Abigail estão de costas)*

Mulher, olhe apenas para mim, apenas para os meus olhos.

Por que razão a senhora despediu a sua criada, Abigail, pode me dizer? Não olhe para seu marido

ELIZABETH (*vacila, pressente uma armadilha, procura o olhar de Proctor, mas é repreendida)*

Ela não me satisfazia (*pausa)*

DANFORTH

Olhe para mim! Era preguiçosa? Pouco asseada? Ou causou alguma perturbação grave?

ELIZABETH

Eu estava muito doente... o meu marido é um homem honesto e justo... sempre agarrado a seu trabalho... não vive em cabarés ou se embebedando... mas eu estive doente muito tempo e julguei que meu marido se afastava de mim... e essa menina... cheguei a pensar que ele se enamorara dela... por isso a expulsei de casa. (*tenta olhar para Proctor)*

DANFORTH

(*agarra-lhe o rosto com as duas mãos)*

Olhe para mim! Cometeu Jonh Proctor alguma vez o crime de adultério? (*breve silencio)* Responda a minha pergunta! O seu marido é um adultero?

ELIZABETH

Não! Não senhor.

MANDRIOES
dE TEATRo

DANFORTH

Podem levá-la!

PROCTOR

Elizabeth, diz a verdade! Eu confessei tudo

ELIZABETH *(sendo retirada)*

Oh, meu Deus.

HALE

Excelência, é natural que uma mulher minta numa circunstância destas. A vingança privada está em ação. Este homem impressionou-me pela sua sinceridade. Eu acredito nele, traga a senhora Proctor de volta... (*para Abigail)* Essa menina sempre me pareceu falsa...

DANFORTH

Este homem mentiu! Ela não falou em adultério..

Cena 7 (de como confrontadas em sua verdade, as meninas insistem em sua farsa e condenam mais pessoas inocentes à morte)

ABIGAIL

(olhando para o teto, solta um grito, as outras meninas começam a imitá-la)

Não!

Não faça isso, vai embora

Está ali atrás da viga!

Por quê? O que vem fazer aqui pássaro amarelo

MANDRIÕES
dE TEATRo

PROCTOR

Que pássaro? O senhor vê algum pássaro reverendo Hale?

DANFORTH

Cale-se!

ABIGAIL *(conversando com o teto, com o "pássaro" como querer convencê-lo a não atacar)*

Foi Deus que fez minha cara! Não pode querer dilacerar minha cara! Mary, a inveja é um pecado mortal... isso é magia negra... tomar a forma de um animal...

MARY WARREN

Mas Abby, eu estou aqui

ABIGAIL

Mary, não desça daí, não me faça mal *(as outras meninas sempre a imitá-la)* Olhe as garras dela

MARY WARREN

Mas estou aqui e não estou te fazendo mal algum. Ela não vê coisa alguma

ABIGAIL *(imitando-a)*

Ela não vê coisa alguma

MARY WARREN

Abby, não deve mentir mais!

ABIGAIL *(e todas as outras meninas)*

Abby, não deve mentir mais!

DANFORTH

Mary Warren, retira o teu espírito dessas crianças

MANDRIOES _dE TEATRo_

MARY WARREN

Mas senhor Danforth...

AS MENINAS

Mas senhor Danforth...

DANFORTH

Assinou um pacto com o diabo não foi?

MARY WARREN

Não, nunca

AS MENINAS

Não, nunca

DANFORTH

Então porque elas repetem só as tuas palavras?

PROCTOR

Dêem-me um chicote que eu acabo com isso. Elas estão a representar...

MARY WARREN (*histérica e batendo o pé no chão)*

Abby, pára com isso!

AS MENINAS

Abby, pára com isso!

MANDRIÕES
dE TEATRo

MARY WARREN (*desesperada, começa a gemer, as mãos meio erguidas, indefesa – as meninas a imitam)*

Eu não tenho poder algum, eu não estou fazendo isso

AS MENINAS

Eu não tenho poder algum, eu não estou fazendo isso

PROCTOR

Elas estão caçoando de nós

HALE

O senhor não pode acreditar nelas.

DANFORTH

Viste o diabo? Fez um pacto com ele não foi? (*Mary olhando para Abby, pronuncia algumas palavras incompreensíveis- fraqueja)*

Não compreendo. Ou confessa ou vai para a forca. Não permito que murmure seus encantamentos.. confessa senão te mando para a forca

ABIGAIL

As asas! Ela está abrindo as asas... não por favor... ela vai descer...

DANFORTH

Confessa!

MARY WARREN

Não posso!

MANDRIOES
dE TEATRo

AS MENINAS

Não posso!

ABIGAIL

Ela vai descer! Cuidado

(as meninas começam a correr, param em uma parede e soltam um grito. Mary também grita. As meninas então se calam. Apenas Mary fica gritando, todos olham para ela)

MARY WARREN

(Proctor tenta acalmá-la, ela se afasta)

Não me toque! O senhor é o homem do diabo!

PARRIS

Deus seja louvado

AS MENINAS

Deus seja louvado!

MARY WARREN

Eu não quero morrer enforcada com o senhor. Eu amo a Deus.

DANFORTH

Ele te obrigava a trabalhar para o demônio? (*Giles e Hale esboçam um movimento de protesto)*

Todas as noites, todos os dias... me acorda todas as noites, os olhos dele parecem carvões acesos...

MANDRIÕES
dE TEATRo

HALE

Excelência, esta criança endoideceu

MARY WARREN (aos gritos)

Eu amo a Deus! Não quero mais seguir seu caminho. Não senhor Proctor, eu amo a Deus (*corre para Abigail)* Abby, nunca mais te farei mal (*Abigail, cheia de caridade recebe de braços abertos a chorosa Mary)*

DANFORTH

Quem é o senhor? Confessa que foi maculado pelo inferno ou deseja continuar fiel a satanás?

PROCTOR (*desfeito, ofegante)*

Eu digo.... desisto... Deus morreu!

PARRIS

Ouviram? Ouviram o que ele disse?

PROCTOR

O fogo! Já estourou as portas do inferno! Já ouço as gargalhadas de Lúcifer e vejo seu focinho. Oh! É a minha cara e é a sua também Danforth. É a cara de todos nós que falhamos na tentativa de arrancar os homens das trevas, como eu falhei, como vocês falharam. Derrotados por essa fraude. Por isso vos digo que nós vamos todos arder juntos no fogo do inferno.

DANFORTH

Ponham esse homem na prisão. Ele e Corey!

HALE

Denuncio estes procedimentos ilegais! Abandono esse tribunal *(sai)*

MANDRIOES
dE TEATRo

PROCTOR

Danforth, velho idiota! Acaba de cuspir o céu e de santificar uma prostituta.

DANFORTH *(furioso chamando)*

Reverendo Hale! Reverendo Hale!

Fim do terceiro ato!

Ato 4

Cena 1 (de como as coisas começam a fugir do controle e, pressentindo uma revolta na aldeia, Parris busca uma solução)

(passados três meses, é a manhã da execução de Jonh Proctor - entram Danforth, o juiz Hathorne e o reverendo Parris – se cumprimentam)

PARRIS

Bom dia senhor! Bom dia Juiz Hathorne!

HATHORNE

Reverendo Parris! Soube que nesses três meses passados, o senhor tem permitido constantes visitas do reverendo Hale aos prisioneiros. O senhor não estava ciente de nossa proibição? Ele não tem o direito de colocar os pés nessa prisão.

PARRIS

Excelência! Trata-se da providência divina. O reverendo Hale tem tentado reconduzir Rebeca Nurse a Deus. Vai para três meses que ela não pronuncia uma só palavra. Mas o reverendo tem insistido para que ela e as outras mulheres confessem os seus crimes e salvem suas vidas.

MANDRIOES
dE TEATRo

DANFORTH

Isso é realmente uma providência.E elas cedem, cedem?

PARRIS

Ainda não... (*breve silêncio)* Mas senhor... *(reluta)* tenho outras más notícias... a minha sobrinha, Abigail, já há três noites que fugiu. A menina Mercy Lewis também...

DANFORTH

Fugiram?

PARRIS

Fugiram a bordo de um navio... e ela roubou trinta e uma libras de meu cofre... estou sem nenhum centavo

DANFORTH

Reverendo Parris, o senhor não tem vergonha?

PARRIS

Não posso deixar de pensar que se elas fugiram de Salém é porque tinham razões para recear o perigo que aqui se encontravam... é que se comenta que o povo de Andover expulsou o Tribunal e não quer mais ouvir falar em feitiçaria... Abigail conhecia Salém e seus habitantes e desde que as notícias de Andover aqui chegaram... pode haver tumultos...

HATHORNE

Deixe de ser tolo! Não há revolta em Andover. E porque haveria tumultos aqui? Após cada execução, só vejo satisfação em todos os rostos.

PARRIS

É que até aqui só tem morrido na forca gente doutra laia. Mas Rebeca Nurse e Jonh Procter ainda gozam de grande estima em Salém... receio muito que quando Rebeca Nurse subir à forca e começar a rezar, estale a indignação e a vingança desta gente caia sobre vós...

dE TEATRo

DANFORTH

O que é que o senhor propõe então?

PARRIS

Eu adiaria as execuções por algum tempo

DANFORTH

Não haverá adiamentos

PARRIS

Mas excelência! Com a ajuda do reverendo Hale, há esperanças de uma retratação que condenaria todos os outros aos olhos do público. Se adiarmos e ela confessar ninguém mais teria dúvidas do seu

comércio com o inferno, ao passo que se os executarmos clamando por inocência, muitas pessoas honestas poderiam vir a chorar por eles e o nosso sagrado propósito corre o risco de ser apagado.

Excelência, quando reuni a congregação para lhes ler a excomunhão de Jonh Proctor, não havia trinta pessoas presentes. Isto não é um sinal de descontentamento?

DANFORTH (*lendo a lista de execuções)*

Qual deles pode ainda ser reconduzido a Deus? (*entrega-lhe a lista)* eu próprio irei lutar ao lado deste até o último minuto. Em qual deposita maiores esperanças?

PARRIS

Não há mais tempo senhor. Já raia o dia... (*Parris agora grita)* O senhor não pode enforcar essa gente. Eu estou em perigo (*entra o Reverendo Hale)* Já não me atrevo a sair a noite...

Cena 2 (de como as autoridades insistem em permanecer no erro, mesmo que Hale aponte os equívocos. Não voltam atrás)

RAMBRIOES
dE TEATRo

DANFORTH

Queira aceitar os meus parabéns , Reverendo Hale. Estamos muito contentes por vê-lo retomar a sua santa tarefa

HALE

O senhor tem que conceder-lhes o perdão. Eles não confessam. Eu preciso de mais tempo...

DANFORTH (*conciliador)*

Entenda reverendo! Eu não posso dar o perdão a estes, quando outros doze já foram enforcados pelo mesmo crime (*agora firme)*

Não atenderei a um único pedido de perdão ou adiamento. Os que não confessaram morrerão não forca. Já foram assim executados doze. Um adiamento agora poderia parecer fraqueza da minha parte. Um perdão só que seja, lançaria a dúvida sobre a culpabilidade dos que já morreram. Não! Morrerão!

Fiquem sabendo: mandarei enforcar dez mil, se dez mil ousarem erguer-se contra a lei. A minha resolução é a resolução da lei. Quando se trata de aplicar a lei de Deus, a minha mão não vacila. Falou com todos eles, Reverendo Hale?

HALE

Sim, com todos, com exceção de Jonh Proctor, que está preso e acorrentado na torre. A senhora Sara Good e Tituba que confessaram, vivem a confundir os sons das vacas com as vozes do demônio. Tituba está louca e vive a dizer que o demônio a dará asas para voar até Barbados, onde o diabo seria um homem bom que vive a dançar e cantar. Estão loucas. Os demais, ninguém confessa.

Dizem que Jonh Proctor está lá sempre sentado. Ninguém diria que ele vive se não fosse comer de vez em quando

DANFORTH

E a mulher dele? Deve estar em um adiantado estado de gravidez. Será que sua presença não poderia amolecê-lo? Tragam-me a senhora Proctor e depois busquem o marido na torre.

HALE

Se o senhor adiasse uma semana as execuções e lutasse para obter as confissões dos presos, daria mostras, não de fraqueza, mas de misericórdia cristã.

DANFORTH

Eu não posso impedir o sol de nascer. Da mesma maneira, eu não posso roubar a esses pecadores a perfeição do seu castigo.

HALE *(com dureza)*

Se pensa que Deus deseja que vossa excelência acenda a revolta nessa aldeia, está enganado.

DANFORTH

O senhor ouviu falar de rebelião em Salém?

HALE

Há órfãos que vagueiam de casa em casa; o gado abandonado muge pelas estradas; o odor das colheitas apodrecidas envenena o ar de Salém e ninguém sabe quando o grito de uma prostituta poderá significar o fim de uma vida... e o senhor ainda se admira que se fale em revolta?

DANFORTH

Parece-me que o senhor tem pregado ultimamente por Andover. Afinal por que razão voltou aqui?

HALE

Vim prestar um serviço ao demônio (*sarcasmo)* Vim aconselhar cristãos a mentir, dizendo que viram o diabo, para escapar da morte. (*sem sarcasmo)* Há sangue sobre a minha cabeça (*entra Elizabeth Proctor)*

Cena 3 (de como uma possível confissão de Jonh Proctor poderia resolver os erros)

DANFORTH

Senhora Proctor... não se trata de sua vida... o seu marido vai ser enforcado essa manhã...

ELIZABETH

O que desejam de mim

HALE

A senhora não sei se sabe que eu já não faço parte do tribunal. Desejo salvar a vida de seu marido... estes três meses tenho andado por aí como Jesus no deserto, procurado uma solução cristã, porque é duas vezes maldito o ministro de Deus que aconselha os homens a mentir, mesmo que para salvar a vida.

DANFORTH

Veja o que diz! Não se trata de mentir. O senhor não pode dizer que confessar é mentir.

HALE

É mentir sim senhor. Eles são todos inocentes.

(*para Elizabeth)* Não se deixe enganar sobre seu dever como eu me enganei sobre o meu. A vida, mulher, a vida é o mais precioso dos bens de Deus, e nenhum princípio pode justificar que a tire de alguém. Insista com o seu marido para que ele confesse. Ele que minta. Pode ser muito bem que Deus condene menos um mentiroso do que aquele que sacrifica a vida por orgulho.

ELIZABETH

Eis que me parecem argumentos do demônio.

HALE

Não podemos ler a vontade de Deus! Diante de suas leis somos vermes, mais nada.

MANDRIÕES DE TEATRO

DANFORTH

O seu marido vai morrer ao nascer do dia. Não está disposta a dissuadi-lo? *(ela permanece calada)* A senhora é de pedra? Esses seus olhos secos... O demônio terá secado em ti todas as lágrimas de piedade?

ELIZABETH

Deixe-me falar com ele (*entra Jonh Proctor)*

Cena 4 (de como Jonh Proctor procura a cumplicidade de Elizabeth para resolver seu destino, mas esta devolve-lhe sua responsabilidade sobre seus atos)

DANFORTH

Tome conselho com sua esposa e que Deus o ajude a voltar as costas para ao inferno

(aqui os outros saem ou apenas ficam à distância)

JONH PROCTOR (*juntos, segurando as mãos)*

E o miúdo?

ELIZABETH

Sinto crescendo a cada dia! Os outros nossos filhos estão bem, na casa do filho de Rebeca Nurse... eles tem te torturado?

JONH PROCTOR

Tem sim! Quase todos os dias... mas hoje eu vou morrer e isso irá acabar... Ninguém confessou ainda?

ELIZABETH

Uns cem, ou mais já confessaram. Mas Rebeca Nurse não! Será enforcada hoje junto com você...

MANDRIOES
dE TEATRo

JONH PROCTOR

E Giles?

ELIZABETH

Giles morreu, mas não foi enforcado. Ele não respondeu nem sim nem não ao tribunal. Se ele negasse a acusação, seria enforcado e vendiam suas terras. Por isso ele nada disse e morreu como cristão segundo a lei, porque ele não podia ser condenado como feiticeiro sem responder á acusação, ou sim ou não. Desta maneira os filhos puderam ficar com as terras. Ele morreu esmagado. Iam colocando enormes pedras sobre o peito para o obrigar a responder sim ou não.

Contam que disse apenas duas palavras: "mais uma". E morreu.

Era um homem sem medo!

JONH PROCTOR

Tenho pensado em confessar! O que acha se eu disser o que eles querem? O que me aconselha a fazer?

ELIZABETH

O que fizer estará bem feito.

JONH PROCTOR

Seria uma enganação eu subir à forca como um santo. Não sou um homem de bem. Sou um homem manchado. Não sou digno de martírio. Não perderei nada se lhes oferecer a mentira que querem. Mas custa muito oferecer mentira a cães. Só a raiva me tem conservado calado. Queria que me perdoasse!

ELIZABETH

De nada vale te perdoar, se não se perdoar a si próprio. É a sua alma Jonh, não a minha. Só agora sei, seja lá o que fizer, é um homem de bem que o faz. Eu também tenho pecados... é a mulher fria que leva o homem ao adultério... olhei para dentro de mim esses três meses e me vi tão banal, tão sem graça, que nenhum amor autêntico posso despertar... que fria era nossa casa. Fria como eu!

Faça o que quiser. Mas não deixa que ninguem seja juiz de seus atos *(chora)*

ASSOMBROES
dE TEATRo

HATHORNE *(interrompendo)*

Então, Proctor, o sol não tarda! O que resolve?

JONH PROCTOR

Quero salvar a minha vida

HATHORNE

Ele confessa! Graças sejam dadas a Deus! Ele confessa!

JONH PROCTOR

Rebeca que morra como santa! Eu não passo de um devasso! Não quero ser hipócrita.

ELIZABETH

Não sou teu juiz! Faz como quiser.

HATHORNE

Deus seja louvado homem! Tomem nota da confissão

JONH PROCTOR

Mas a confissão tem de ser escrita?

DANFORTH

Para o conhecimento da aldeia, tudo o que disser será registrado e afixado à porta da igreja. Agora fale lentamente e com clareza, já há claridade no céu e a vila toda já está ao pé da forca. Responda: O senhor viu, ou não viu o diabo?

JONH PROCTOR

Vi

MANDRIOES
dE TEATRo

PARRIS

Deus seja louvado!

DANFORTH

E quando ele lhe apareceu, pediu-lhe para trabalhar para ele?

JONH PROCTOR

Pediu (*nesse instante entra Rebeca Nurse)*

Cena 5 (de como Jonh Proctor percebe sua pequenez diante de Rebeca Nurse e percebe que traiu seus amigos)

DANFORTH

Deixe-a ser testemunha do seu bom exemplo, talvez ela também regresse ao seio de Deus. O senhor aceitou ficar a serviço do diabo?

JONH PROCTOR *(com vergonha de rebeca)*

Aceitei

REBECA

Oh, Jonh... que Deus tenha piedade de Ti

DANFORTH

Quer fazer sua confissão, Rebeca Nurse? Como vê, já não há nenhuma utilidade em permanecer na conspiração

MANDRIOES
dE TEATRo

REBECA

Para que mentir? Sou velha demais para arriscar a maldição eterna. Prefiro morrer na verdade.

DANFORTH

Senhor Proctor, quando o diabo lhe apareceu trazia por acaso Rebeca Nurse em sua companhia? O senhor viu esta mulher com o Demônio?

JONH PROCTOR

Não

DANFORTH

Viu alguma vez a irmã de Rebeca com o Diabo, viu Marta Corey com o Diabo?

JONH PROCTOR

Não

DANFORTH

Proctor, que adianta negar? Já tanta gente confessou ter visto esta mulher com satanás!

JONH PROCTOR

Se o fato está provado, para que devo dizê-lo? Eles morrem santos. Não serei eu a manchar-lhes os nomes. O Meu basta.

DANFORTH

Pensa realmente que eles morrem santos?

JONH PROCTOR

Essa mulher nunca trabalhou para o demônio

MEMBRIOES
dE TEATRo

DANFORTH

Ela é acusada de assassinato sobrenatural das filhas de Tomás Putnam e o senhor de mandar seu espírito contra Mary Warren. A única salvação aqui está em sua alma.

JONH PROCTOR

Apenas posso falar dos meus pecados. Os dos outros não são da minha conta. Não os posso julgar.

HALE

Excelência basta que ele tenha confessado. Ele que assine a confissão.

PARRIS

É um dos homens mais respeitados entre nós. A vila inteira vai ficar impressionada com o fato de ele ter confessado.

DANFORTH

Está bem! Ele que assine então. Dê-lhe a confissão

JONH PROCTOR

Os senhores foram testemunhas, isso não basta?

DANFORTH

O senhor está brincando? Ou assina ou não há confissão (*relutando ele assina, mas não a entrega)*

PARRIS

Louvado seja Deus!

MANDRIÕES
dE TEATRo

JONH PROCTOR

Os senhores me viram assinar. O senhor não tem necessidade desse papel.

DANFORTH

Mas a aldeia precisa de uma prova...

JONH PROCTOR

Ao diabo a aldeia. Eu confessei! Deus não precisa ver meu nome afixado à porta da igreja! Deus vê meu nome aqui e conhece meus pecados... Não se servirão de mim! Não sou Sara Good nem a Tituba.

Tenho três filhos, como posso ensinar-lhes a serem homens se eles souberem que vendi meus amigos?

DANFORTH

Mas o senhor não vendeu os seus amigos

JONH PROCTOR

Não me enganam. Se este papel for afixado à porta da igreja, mancharei o nome deles no próprio dia em que morrem na forca pelo seu silêncio!

O senhor é o supremo tribunal, senhor Danforth! Basta, portanto a sua palavra. Diga-lhes que Jonh Proctor confessou, mas quanto ao meu nome...

DANFORTH

Mas não é a mesma coisa? Dizer o que o senhor fez ou que a sua assinatura o ateste?

JONH PROCTOR (*num grito de alma)*

Trata-se do meu nome! Não posso ter outro nome na vida! Não sou digno do pó que levantam os pés dos que vão morrer na forca! Como posso eu viver sem o meu nome? Já lhes dei a minha alma, deixem-me o meu nome!

DANFORTH

É a esse documento que chama de mentira? Ou o senhor me dá esse documento, me entrega sua confissão ou não poderei livrá-lo da forca. O que escolhe senhor Proctor?

NAVEGANTES
dE TEATRo

JONH PROCTOR (*ofegante, ele rasga e amassa o papel)*

HALE

Vai morrer enforcado! O senhor não pode morrer!

JONH PROCTOR (*Elizabeth corre para ele, desfeita em lágrimas)*

Posso sim senhor! É este o seu primeiro prodígio: é que posso. Isso foi obra de magia, obra sua, porque eu agora julgo ver alguma coisa de bom em mim. Não muita é certo. Não chega para fazer uma bandeira, mas é bastante para valer a pena preservá-la destes cães.

(*para Elizabeth)* Não lhes ofereça lágrimas! Mostra-lhes sua dignidade e a firmeza de sua alma. Assim os vencerá. (*beijam-se?)*

DANFORTH

Para a forca, para a forca, os dois (*eles são retirados de cena)*

PARRIS

Corra atrás dele, senhora Proctor! Ainda há tempo! (*lá fora rufar de tambores)*

HALE

Mulher te suplico! Ajude-o! É por orgulho, vaidade? Que lhe adianta morrer? Para prazer do pó? E os vermes lhe aceitarão a verdade?

ELIZABETH

Ele agora encontrou a sua claridade! Deus não me permite tirar-lhe.

Eis que o rufar dos tambores

Se quebra por segundos antes

De atingir o máximo de violência.

Hale chora a rezar freneticamente

E o sol da manhã derrama-se sobre

A face de Elizabeth. Os tambores

Ressoam funéreamente na luz lavada

Do novo dia

fim